

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

NATHÁLIA SANTOS FERREIRA

**“A solidão da América Latina” e a “utopia contrária”:
García Márquez, a obra *Cem anos de solidão*
e o projeto de sociedade latino-americana**

UBERLÂNDIA

2022

NATHÁLIA SANTOS FERREIRA

**“A solidão da América Latina” e a “utopia contrária”:
García Márquez, a obra *Cem anos de solidão*
e o projeto de sociedade latino-americana**

Monografia apresentada aos Cursos de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciada e Bacharel em História, sob orientação da Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

UBERLÂNDIA

2022

NATHÁLIA SANTOS FERREIRA

**“A solidão da América Latina” e a “utopia contrária”:
García Márquez, a obra *Cem anos de solidão*
e o projeto de sociedade latino-americana**

Banca Examinadora

Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa

Prof. Me. Diego Marcos Silva Leão

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por terem sempre buscado garantir uma vida digna para nossa família, por terem sido, em todos os momentos em que precisei e preciso, o colo que não nega amor e carinho. Por terem suprido com amor e afeto minha existência, existo porque vocês se conheceram e não poderia eu desejar melhores pais.

À minha irmã, por ser uma amiga fenomenal, sempre presente e disposta a estender afeto e apoio nos momentos mais árduos, e compartilhar com a mesma dedicação os momentos leves e as conquistas uma da outra. Agradeço a você, Aline, por não ter descreditado da minha capacidade quando eu, quase sempre, pendia a tal descrença. Por ter me ajudado em tantos níveis que não caberia enumerar aqui, mas você sabe, e isso basta. Amo você, irmã amiga.

A meu irmão, por ter tornado meus dias mais leves e sempre tomados pelo frescor das brincadeiras de irmãos. Saiba que somente sua presença torna meus dias mais felizes e que apreciei cada manifestação de interesse seu sobre o trabalho que tenho desenvolvido. Amo você, irmão.

À minha avó por ter me ensinado a sacudir a poeira e seguir em frente, a procurar ser forte e construir o caminho desejado com as próprias mãos. Você me inspira e me faz ser forte, obrigada para sempre!

A meu avô por compreender os sumiços periódicos sob a justificativa de que estava estudando. Obrigada por responder sempre com um tom de incentivo.

A minha tia Cida por ter sempre reforçado a importância de cuidar de mim antes de qualquer coisa, por ter compreendido e incentivado o esforço necessário para o andamento da graduação. Pelo interesse nessa formação e pelo afeto e amor sempre.

Às minhas tias, tios, primas, primos e cunhado agradeço também pelo amor e afeto sempre demonstrado em diferentes ações. Vocês são essenciais em minha vida e na trajetória em construção.

A todas e todos os professores que, de alguma forma, me trouxeram até aqui meu eterno carinho.

Às professoras Regina Ilka e Marta Emísia, meu terno e sincero: muito obrigada! Vocês são essenciais para que eu possa estar aqui escrevendo esses agradecimentos, sou grata por cada orientação, conversa, conselhos e sorrisos compartilhados entre nós ao longo dos anos de graduação.

Aos amigos do Laboratório de História Social, Educação, Cultura e Comunicação – LABHECC, por cada momento compartilhado e por tornarem essa caminhada muito mais leve e bonita porque feita entre amigos. Levo cada um em meu coração e vibro com as conquistas de vocês.

Ao José Guilherme, João Victor, Isadora e Vinícius, por terem sempre sido ombros amigos em meio às inseguranças da vida. Saber que vocês estavam ali para me abraçar sempre foi muito importante, obrigada por me lembrarem de que seria capaz de concluir essa etapa assim como consegui iniciá-la. Amo vocês!

À Laura, por se fazer presente em meus dias, mesmo que nas lembranças mais doces de nossa amizade que sempre retornaram quando eu me sentia sozinha. Amo você, amiga!

Aos demais amigos por colorirem de afeto essa breve existência e os anos transcorridos até aqui. A amizade sempre se prova como uma das mais belas formas de amor.

À psicóloga Aline Dias que tem me acompanhado em análise e possibilitado a construção de um processo de autoconhecimento e transformação de sintomas que por anos carreguei sem saber o que fazer. Obrigada por fazer com que eu consiga me expressar e não sentir vergonha dos sentimentos, da vulnerabilidade, que nos torna humanos. Essa caminhada foi muito importante para que eu pudesse concluir este ciclo!

À prática milenar de Yoga por ter revolucionado a maneira que enxergo e vivo o aqui e agora, respirar é a chave para a vida!

A todas as escolas públicas por onde passei e à Universidade Federal de Uberlândia por terem contribuído para que minha formação pudesse ser de qualidade, mas, acima de tudo: humana.

Com seu cerimonial de aço
suas grandes chaminés
seus sábios clandestinos
seus discursos grandiloquentes
seus céus de néon
suas vendas natalinas
seu culto ao deus pai
e aos galardões
com suas chaves do reino
o norte é quem ordena

mas aqui embaixo, embaixo
a fome disponível
colhe o fruto amargo
do que outros decidem
enquanto o tempo passa
e passam os desfiles
e se fazem outras coisas
que o norte não proíbe
com a sua firme esperança
o sul também existe

com seus predicadores
seus gases venenosos
sua escola de chicago
seus donos da terra
seus trapos de luxo
e sua pobre ossada
suas defesas gastadas,
seus gastos com defesa
com sua gesta invasora
o norte é quem ordena

Mas aqui embaixo, embaixo
cada um em seu esconderijo
existem homens e mulheres
que sabem a que se agarrar
aproveitando o sol
e também os eclipses
afastando o inútil
e usando o que serve
com sua fê veterana
o sul também existe

Com seu corno francês
e sua academia sueca
seu molho americano
e suas chaves inglesas
com todos os seus mísseis

e suas enciclopédias
sua guerra de galáxias
e a sua sanha opulenta
com todos os seus louros
o norte é quem ordena

mas aqui embaixo, embaixo
perto das raízes
é onde a memória
nenhuma lembrança omite
e há os que se desmorrem
e há os que se desvitem
e assim entre todos se consegue
o que era um impossível
que todo o mundo saiba
que o sul também existe.

O sul também existe
Mario Benedetti

RESUMO

O presente trabalho resulta de pesquisa que investigou a obra *Cem Anos de Solidão* e seu contexto de produção, tendo em vista as questões relacionadas à desigualdade social e às continuidades da lógica colonial, sob o viés do Imperialismo norte-americano, na história latino-americana contemporânea. Destaca-se o tempo trabalhado: a segunda metade do século XX, conjuntura essa em que a obra *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez se insere e que engloba uma série de debates sobre os projetos pensados para a região e a literatura aqui produzida. Tais debates são colocados em diálogo com outros projetos de sociedade latino-americana, como o defendido por José Martí, em uma perceptiva anti-imperialista, alcançando o argumento de que é possível a construção de uma utopia contrária reivindicada por Gabriel García Márquez no discurso de aceitação do prêmio Nobel de Literatura de 1982. A metodologia da pesquisa considerou a produção literária como uma fonte plural e constituída como prática social, e investiu no compromisso com o desvelamento de um projeto de sociedade latino-americana no âmbito das relações entre História, Memória e Literatura.

Palavras-chave: História e Literatura. América Latina. Gabriel García Márquez. Cem anos de solidão.

ABSTRACT

This research aims to investigate the work *One Hundred Years of Solitude* and its production context, taking into account the issues related to social inequality and the continuities of the colonial logic, under the bias of North American Imperialism, in contemporary Latin American history. The time frame is highlighted here: the second half of the 20th century. This is the conjuncture in which Gabriel García Márquez's *One Hundred Years of Solitude* is set, and which encompasses a series of debates about the projects thought for the region and the literature produced here. Such debates are placed in dialogue with other projects of Latin American society, such as the one defended by José Martí; in an anti-imperialist perspective. Considering literary production as a plural source and constituted as a social practice, the research seeks to invest in the commitment to the unveiling of a project of Latin American society in the scope of the relations between History, Memory, and Literature. Arriving, thus, at the argument that it is possible the construction of a contrary utopia claimed by Gabriel García Márquez in his speech of acceptance of the Nobel Prize for Literature of 1982.

Keywords: History and Literature. Latin America. Gabriel García Márquez. *One Hundred Years of Solitude*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 América Latina, memória e literatura	17
1.1 <i>Cem anos de solidão</i> e <i>As veias abertas da América Latina</i> : um diálogo possível?.....	19
1.2 O século XX e a América Latina: ebulição política e a questão do imperialismo	28
CAPÍTULO 2 Gabriel García Márquez: jornalismo, literatura e experiência de “Narrador”	35
2.1 A memória na obra <i>Cem anos de solidão</i>	42
2.2 As Macondos do continente: exploração da terra e do homem.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
FONTES	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem sido uma pesquisa realizada desde o ano de 2019, quando, na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, a turma começou a definir seus temas de monografia com a elaboração de um Projeto de Pesquisa inicial; posteriormente, em 2021, a pesquisa tomou forma em Projeto de Iniciação Científica Voluntária¹. Desde então, os diálogos com a orientadora Prof.^a Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos, e também com a Prof.^a Dr.^a Marta Emísia Jacinto Barbosa juntamente à construção de experiências dentro do grupo de pesquisa que integramos na perspectiva da História Social, tornaram o caminho deste trabalho mais aprofundado porque compartilhado.

Não imagino outra maneira de realizar um trabalho dentro da graduação que não esta: com discussões em grupo; interesse nas temáticas dos colegas mesmo que sejam temáticas e objetos distintos; parceria para auxiliar em possíveis dificuldades; e prazer em construir junto um percurso formativo que abre as portas para outros desafios acadêmicos e de vida. Nesse sentido, fica um aprendizado essencial: nenhuma pesquisa se faz sozinha.

Assim, ao olhar retrospectivamente para a jornada como estudante que tenho vivenciado, chega-se aos anos finais do Ensino Fundamental, sobretudo no 9º ano, e, posteriormente, aos anos finais do Ensino Médio, no decisivo 3º ano. Pontuo esses dois momentos como as sementes que possibilitaram que uma pesquisa em torno da questão do projeto de sociedade para a América Latina dentro da Literatura fosse pensada como um trabalho plausível.

Lembro-me muito bem do contato com questões sobre História e geopolítica entre os 8º e 9º anos onde assuntos como Subdesenvolvimento, Globalização, Integração Econômica dentro de blocos como o MERCOSUL e a desigualdade presente na operação desenvolvimentos – subdesenvolvimentos, dentro do capitalismo, foram colocados em debate e ajudaram na construção de um olhar mais político frente ao lugar social ocupado no atual sistema.

¹ Projeto de Iniciação Científica Voluntária – PIVIC, com o título “Literatura e projeto de sociedade latino-americana nas obras Cem Anos de Solidão e As Veias Abertas da América Latina”, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos. Registrado na Diretoria de Pesquisa Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia: DIRPE/PIVIC Nº 252/2021.

Mas foi no ano seguinte que uma peça essencial se encaixou nessa reflexão inicial sobre o mundo e o lugar da América Latina no mundo: o contato com as aulas de Geografia com uma professora muito especial fez com que eu conhecesse Eduardo Galeano através do acesso possibilitado por ela à obra *O livro dos abraços*. Ao ler esse livro belíssimo algo floresceu dentro de minha atuação como estudante e ser social: pude ter a mesma noção política tão presente nas disciplinas da escola, mas com o diferencial de, ao mesmo tempo, estar diante de uma linguagem literária, prazerosa, e, por que não, lúdica. Saber que se tratava de uma obra realizada por um autor latino-americano, como eu, foi marcante, mesmo que àquele momento somente as bases iniciais do que significava ser latino-americana e das questões da América Latina estivessem claras em minha mente.

O mergulho dentro do continente e de sua cultura e política começou a ser aprofundado ali, graças à semente em forma de livro que essa professora querida plantou em minha vida. Dito isso, chega-se ao segundo momento do percurso formativo anterior à entrada na Universidade: o 3º ano do Ensino Médio. Ali, as aulas de História e Geografia seguiram sendo grandes interesses pessoais, somadas à Sociologia, Filosofia e Artes. Mas uma disciplina fez estrondo até então não vivenciado em todos os anos escolares: falo do contato com as aulas de Literatura dentro da matéria de Língua Portuguesa.

O enfoque tão forte na Literatura foi uma novidade, ainda que nos anos anteriores outros professores e professoras tivessem também colocado obras e análises literárias como parte do ensino de Língua Portuguesa, o que sem dúvidas ajudou a constituir-me como leitora, e que me faz ser muito grata ao ensino público. Ensino que mesmo em meio às inúmeras dificuldades estruturais conhecidas por nós, educadores, tem conseguido fomentar uma formação humana para milhões de jovens no Brasil. É revoltante que o projeto educacional voltado à mercantilização do ensino esteja vencendo como se pode atestar na implantação atual do Novo Ensino Médio, reforma caracterizada por retirar essa dimensão aprofundada das disciplinas, principalmente nas áreas de Humanidades.

Voltando às aulas de Literatura no final do Ensino Médio, tal momento pode ser encarado como impulsionador do desejo de adentrar mais nos livros e poder escrever sobre eles, tecendo uma interpretação própria e enriquecendo o lugar de leitora. Nesse momento, nosso professor dividiu os bimestres em torno de avaliações que tinham obras literárias como ponto de partida. Desse modo, lemos desde Shakespeare, Bram Stoker, Oscar Wilde e José Saramago até Gabriel García Márquez. A avaliação final, se não me falha a memória, foi justamente sobre *Cem anos de solidão*, e o impacto causado por tal leitura jamais seria capaz

de descrever, mas pode ser colocado no mesmo lugar de epifania causado pelo descobrimento de Eduardo Galeano nos anos anteriores.

Com *Cem anos de solidão* tive uma experiência literária jamais experienciada antes, com exceção, talvez, em termos de voracidade da leitura e fascinação pelo estilo do autor, da obra *Dom Casmurro* (que também foi apresentada dentro da escola como leitura em Língua Portuguesa). Todo esse caminho de construção como estudante, leitora e cidadã demonstra como a Literatura pode fazer com que a História faça ainda mais sentido. Digo isso porque ler as obras mencionadas aqui sempre me fazia refletir sobre o lugar social e o tempo histórico em que elas estavam inseridas e quais indagações estendiam-se ao presente no diálogo entre temporalidades. Nesse processo, fui compreendendo que tais autores latino-americanos ultrapassavam o século XX e conversavam com a atualidade.

Enquanto escrevia e pensava a Monografia, recordei que a imagem de Gabriel García Márquez já havia se apresentado a mim mesmo antes da leitura de *Cem anos de solidão*. Como é sabido, o escritor colombiano faleceu, no México, em 2014, aos 87 anos de idade. E foi exatamente nesse contexto em que ouvi seu nome e vi sua imagem pela primeira vez.

Com a licença para uma curta anedota pessoal, gostaria de contar como assisti a um trecho de García Márquez em uma de suas tantas entrevistas ao longo das quais falava justamente sobre a família e a infância em Aracataca.

Lembro de que o trecho da entrevista era exibido no canal Globonews e que eu estava na sala da casa de minha avó materna, sem entender muito bem por que ouvir aquele escritor falar sobre a essencialidade de suas memórias para a carreira construída havia mexido bastante comigo. Somente dois anos depois é que eu teria a oportunidade de ler sua obra mais famosa e condensadora de um universo mágico e real, desconcertante e identificador, belo e assombroso e, sobretudo, prova de que, de fato, os latino-americanos precisaram “pedir muito pouco à imaginação, porque o desafio maior para nós foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar crível nossa vida”, como veio a afirmar no discurso de aceitação do Prêmio Nobel de Literatura, em 1982 (MÁRQUEZ, 1982).

Em meio às análises da obra *Cem anos de solidão*, do discurso de aceitação do Prêmio Nobel de Literatura de 1982, da biografia *Gabriel García Márquez: uma vida*, de suas outras obras tais como *O general em seu labirinto*, dos textos e arquivos encontrados em acervos importantes como *Fundación Gabo*, *Centro Gabo* e a exposição virtual intitulada *Gabriel García Márquez: la creación de un escritor global* do Museu Harry Ransom da Universidade do Texas, além do contato com entrevistas, como a realizada em Barcelona no ano de 1996

pela rádio espanhola² ou a realizada em 1976 pela TV colombiana³ e do documentário (disponível em *streaming*) *Gabo: a criação de Gabriel García Márquez*, lançado um ano após sua morte, pude aprofundar as questões surgidas e reformuladas ao longo da presente pesquisa.

Isso com a presença sempre forte da produção de Eduardo Galeano que, no início desta pesquisa, teve em *As veias abertas da América Latina* uma fonte principal ao lado de *Cem anos de solidão*. Devido às reorganizações que fazemos ao longo do trajeto, do fôlego que se mostra possível no processo de investigação e da pandemia de COVID-19 que surgiu durante o andamento da pesquisa, optei, em diálogo com a orientadora, por focar em *Cem anos de solidão* como eixo central do objeto de investigação. Isso permitiu que o trabalho de inserção social do autor e sua obra não fosse prejudicado pela tentativa de buscar materiais e interpretá-los em relação a dois escritores.

Contudo, é preciso destacar como *As veias abertas da América Latina* e outros textos do escritor uruguaio aparecem como constitutivos do debate proposto principalmente no capítulo um, o que ajudou, ademais, a inserir histórica e socialmente o romance de García Márquez na tentativa de não prender o olhar apenas aos documentos que, como pontuado em *Outras histórias, memórias e linguagens* vão além do conteúdo; sendo preciso “extrapolar os limites do “texto”, isto é, sair do que a fonte diz para a rede de relações nas quais esta fonte se engendra, perseguindo fios que lhe dão sentido na trama social.” (FENELON; MACIEL; ALMEIDA; KHOURY, 2006, p. 11).

Isso leva à concepção de literatura com a qual esta pesquisa está articulada: a de uma literatura que, sendo fonte engendradora na noção de linguagem, não pode ser separada das esferas econômica, política e cultural da sociedade em que se insere, interpreta e propõe olhares políticos que apontam para o compromisso com determinados projetos e não outros.

No livro *A pesquisa em História*, as historiadoras Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Khoury estabelecem uma análise aprofundada sobre como se desenvolve o processo de investigação dentro da História através de exemplos vivenciados por elas como professoras no curso de graduação em História. Ter tido contato com esse texto foi importante para o andamento do presente trabalho uma vez

² MÁRQUEZ, Gabriel García. Me interesa contar cosas que le suceden a la gente. **Podium Podcast Entrevistas**. T01E14, 25 jun. 2018. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-9Hy4ByF1k&t=396s>. Acesso em: 28 fev. 2022.

³ MÁRQUEZ, Gabriel García. [Entrevista cedida a] Germán Castro Caycedo. **RTI TV**, 1976. 1 vídeo (46 min). Publicado por Club Promotores de Lectura y Escritura, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8bu8XC7QW4s&list=WL&index=44&t=2s>. Acesso em: 28 fev. 2022.

que expandiu meu olhar acerca de possíveis equívocos dentro da pesquisa em História e dos métodos mais adequados para a produção do conhecimento histórico.

Buscando perpassar as diversas fontes possíveis para o trabalho de investigação histórica, as professoras em questão citam por vezes a literatura e seu potencial como fonte inserida dentro da prática social. Segundo elas, a literatura:

É um objeto privilegiado para alcançar mudanças não apenas registradas pela literatura, mas principalmente, mudanças que se transformaram em literatura, pois mais do que dar um testemunho, **ela revelará momentos de tensão**. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p. 21, grifos meus).

Tendo em vista essa dimensão da literatura dentro da materialidade, muito inspirada na leitura de Raymond Williams que demarcou a importância de se enxergar conceitos como problemas e movimentos históricos (WILLIAMS, 1979), pode-se apontar também a concepção de História com a qual o presente trabalho se articula: sendo ela a História Social com base no materialismo histórico dialético que encontra uma inspiração no método proposto pelo historiador inglês E. P. Thompson na sua formulação da *Lógica Histórica* (THOMPSON, 1981).

No capítulo *Intervalo*, da obra *A miséria da teoria, ou, um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*, E. P. Thompson detalha um método que denominou como *Lógica História*: de acordo com ele, essa maneira de trabalhar a História está diretamente relacionada com a inserção no campo do materialismo histórico dialético. Não à toa, Thompson discute oito proposições em defesa dessa metodologia, ou, poderíamos também dizer: posicionamento político do historiador frente o trabalho com as fontes.

Sendo assim, Thompson desvela a necessidade de, em História, eliminarmos procedimentos que são auto confirmadores e buscar, ao contrário, uma interrogação daquilo que se coloca como evidência dentro da pesquisa. Para o historiador inglês, tal interrogação se coloca como diálogo e permite compreender como a História está em constante movimento de modo que as evidências se mostrem “incompletas e imperfeitas”.

Tendo em vista as contribuições colocadas até aqui para o desenvolvimento da Monografia creio ser essencial utilizar mais uma reflexão de Thompson no sentido oposto à neutralidade em um processo de investigação. Para ele, não é motivo de vergonha apresentar “juízos de valor quanto a processos passados” pois o “historiador examina vidas e escolhas individuais, e não apenas acontecimentos históricos (processos)”. É nesse viés que procuro trabalhar a literatura em *Cem anos de solidão* perpassando a problematização das imagens que

encontramos nas História(s) e Memória(s) de Macondo com uma preocupação que é subjetiva, mas que é, sobretudo, política, e que critica a posição ocupada pela América Latina na segunda metade do século XX (e atualmente) dentro do capitalismo; e que não possui constrangimento em admitir esse juízo de valor como historiadora.

Assim, o terreno escolhido para este trabalho é o de olhar para a literatura como integrante do social, modificando e sendo modificada pela ação dos sujeitos, no caso, o escritor que, dentro da experiência de Narrador (como será aprofundado no capítulo dois) persegue e se insere na escolha política pela transformação da ordem vigente dentro do Imperialismo (este explorado ao longo do capítulo um) que submete os interesses gerais ao interesse particular, nesse caso dos Estados Unidos como potência econômica mundial.

Para que a pesquisa pudesse seguir no processo da investigação, algumas categorias de análise foram escolhidas como essenciais para o que chamo de “dialética da pesquisa”, isto é, a afirmação de que, mais uma vez em concordância com a *Lógica Histórica*, há uma dialética do conhecimento histórico que, partindo de um “conceito ou hipótese” chega à “determinação objetiva não-teórica” e disso surge uma síntese que chamamos “conhecimento histórico” (THOMPSON, 1981).

Com o uso de categorias de análise como “memória”, “tempo”, “solidão”, “morte” e “esquecimento”, busca-se o conhecimento histórico sobre: 1) se existe um projeto de América Latina que pode ser entendido em *Cem anos de solidão* ao escavarmos as camadas da obra e autor, socialmente; e 2) existindo ou não o projeto, qual tipo de articulação política deste decorre. Nessa dialética chega-se a uma reflexão que procuro detalhar na passagem do capítulo dois para as considerações finais e que, pela natureza da problemática (a da questão latino-americana), se apresenta como “provisório e incompleto”, posto que em movimento.

Nesse sentido, *A pesquisa em História* apresenta mais uma lição que fundamenta a presente investigação e endossa o caráter de movimento do conhecimento histórico que se procura nos capítulos seguintes:

Ao apresentar o caminho percorrido, trazendo à luz as evidências, o porquê de sua escolha, como foram tratadas, o pesquisador está trazendo, ao mesmo tempo, o lugar de onde fala e as implicações metodológicas de seus procedimentos. Nesse caso apresenta um conhecimento sobre o objeto e não o conhecimento. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p. 50).

CAPÍTULO 1

América Latina, memória e literatura

O crítico literário uruguaio Ángel Rama, em um de seus artigos condensados no livro *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*, se propõe a pensar o processo que leva as literaturas nacionais a uma literatura latino-americana (RAMA, 2008). Nesse texto, Rama lança as bases para um sistema literário latino-americano que reconheça as limitações deste conceito, mas, ao mesmo tempo, demarque sua carga política e cultural ligada à pluralidade presente nas línguas que fazem parte da literatura latino-americana.

Escolho partir da contribuição da crítica literária justamente porque no artigo mencionado Rama problematiza e destaca o sentido de utilizar a denominação “literatura latino-americana”. Para ele, o esforço de condensar as literaturas presentes na América Latina sob tal termo se dá por não haver, até aquele momento (1973), um conceito mais generalizado e aceito. A partir dessa noção da questão “latino-americana”, tem sido uma preocupação desta pesquisa compreender como determinadas categorias de análise se fazem presentes na temática da América Latina, a começar pelo significado de “América Latina”, politicamente.

Dentro da dialética dos processos históricos, a questão da América Latina passou por uma série de transformações. Sua carga eurocêntrica deve ser pontuada, mas seria um erro afirmar que o conceito de América Latina está ligado apenas à herança linguístico-cultural ibérica. Seria ignorar, por exemplo, a concepção de América Latina com a qual esta pesquisa mais se identifica: a Nossa América.

O poeta, escritor, jurista e filósofo cubano, José Martí, elaborou e eternizou a *Nuestra América* em seu escrito publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, em 1891. Ali, Martí estabeleceu os fundamentos de um pensamento, e, mais do que isso, de um projeto latino-americano que embasaria eventos históricos como a Independência de Cuba e a Revolução Cubana. Segundo Martí, a Nossa América precisa conhecer seus problemas e demandas específicas para que possa, de fato, resolvê-los. E, em uma passagem marcante, diz:

Levantam-se os povos e se saúdam. “Como somos?” Perguntam-se, e uns aos outros vão se dizendo como são. Quando aparece em Cojímar um

problema, não vão procurar a solução em Dantzig. **Os fraques ainda são da França, mas o pensamento começa a ser da América. Os jovens da América arregaçam a camisa ao cotovelo, afundam as mãos na massa e a levantam com o fermento do seu suor. Compreendem que se imita demasiado e que a salvação está em criar. Criar é a palavra de senha desta geração.** O vinho, de banana; e se sai azedo, é o nosso vinho! Entende-se que as formas de governo de um país deverão se acomodar aos seus elementos naturais; que as ideias absolutas, para não cair por um erro de forma, hão de ser colocadas em formas relativas; que a liberdade, para ser viável, tem que ser sincera e plena; que se a república não abre os braços a todos e avança com todos, morre. [...] **Descer até os infelizes e levantá-los nos braços! Com o fogo do coração, degelar a América coagulada! Jogar, fervendo e rebotando, pelas veias, o sangue natural do país! Em pé, com os olhos alegres dos trabalhadores, saúdam-se, de um povo a outro, os homens novos americanos.** (MARTÍ, 2011, p. 28-29, grifos meus).

Partir de uma noção de América Latina baseada nesta linha de pensamento significa assumir o compromisso com as condições materiais presentes nessa região do mundo, permeada por marcadores que unem em um fio histórico os países diversos: o impacto da colonização e de suas mudanças de nome, sob uma lógica igualmente exploratória do homem e da terra, a que hoje denominamos imperialismo capitalista. Ainda que Martí estivesse falando dentro de um contexto de luta pela Independência de Cuba, o cerne das questões levantadas segue atual. Pois, como destacado acima, é preciso “degelar a América coagulada”.

Nessa perspectiva, o objeto desta pesquisa é a literatura latino-americana. Tendo como análise a obra *Cem anos de solidão* do escritor colombiano Gabriel García Márquez em que se coloca possível pensar como problemas estruturais presentes na América Latina aparecem na literatura. Compreendendo que na utilização de obras literárias como fontes não há preocupação em retratar a realidade, conforme destaca Maria do Rosário da Cunha Peixoto (PEIXOTO, 1997), mas sim identificar de que forma projetos sociais, que podem ter sido vencedores ou não em determinado período, são escolhidos pelo autor ou pela autora de determinada obra.

Assim, a categoria de memória se apresenta como uma das centrais no trabalho desenvolvido. Uma vez que em *Cem anos de solidão*, García Márquez utilizou uma larga carga de memória afetiva, e, por isso mesmo, social, de sua família e experiências pessoais imbricadas ao lugar experienciado como escritor latino-americano. Quando, no México, García Márquez colocou-se a redigir *Cem anos de solidão* não pôde parar. Isso está ligado a um processo muito anterior à escrita da obra específica.

De acordo com a biografia mobilizada para o presente trabalho, a Macondo criada por García Márquez e personagens como o Coronel Aureliano Buendía foram constituídos em obras anteriores, publicadas ou não (MARTIN, 2010). Exemplo disso são os temas e personagens do primeiro romance escrito por García Márquez, intitulado *La Casa*, onde, sustenta Gerald Martin, já aparecem temas recorrentes no ganhador do Nobel de Literatura. Sendo eles: solidão, destino e nostalgia.

Essa dimensão subjetiva da memória confere um caráter singular à obra de García Márquez, sim, mas é preciso apontar as imagens de processos históricos da América Latina e características que possibilitam identificar o alinhamento político de García Márquez. Posicionamentos que serão abordados mais adiante. Por ora acredito ser essencial avançar, através das categorias de análise apresentadas na Introdução, na aproximação a que se chegou entre as obras *Cem anos de solidão* e *As veias abertas da América Latina*.

Conforme se busca elucidar, são obras que se apresentam dentro de um contexto político maior no decorrer da segunda metade do século XX. Um período que tem como evento político mais rememorado a Revolução Cubana, que parece ter aguçado tanto os escritores latino-americanos a continuarem no caminho da literatura engajada socialmente, quanto o interesse exterior por uma América Latina cuja literatura já havia recebido atenção com a premiação de autores como Gabriela Mistral, Miguel Angel Astúrias e Pablo Neruda⁴.

1.1 *Cem anos de solidão* e *As veias abertas da América Latina*: um diálogo possível?

Uma pesquisa não pode – ou pelo menos não deveria – possuir ares de hipóteses pré-respondidas e aparente linearidade. Isto ficou evidente durante o desenvolvimento da

⁴ As vidas e obras desses três escritores agraciados com o Prêmio Nobel de Literatura, possuem em comum elementos que também perpassam a obra de García Márquez: trata-se do profundo engajamento com a realidade latino-americana. A escritora Gabriela Mistral, nasceu no Chile em 7 de abril de 1899, e desde cedo demonstrou interesse pela pedagogia e pela poesia, é importante ressaltar que ela foi a primeira pessoa a receber o Prêmio Nobel de Literatura na América Latina: em 1945. A motivação para o prêmio (como podemos encontrar no site da instituição) se deu “pela sua poesia lírica que, inspirada por fortes emoções, fez de seu nome um símbolo das aspirações idealistas de todo o mundo latino-americano”. Miguel Angel Asturias seria o segundo latino-americano a receber a premiação, o escritor nasceu em 19 de Outubro de 1899, na Guatemala, e integra a mesma geração de Gabriela Mistral; sua obra é marcada pela preocupação com as raízes indígenas e a realidade social de seu país e continente, passando por temáticas como ditaduras na obra “El senhor presidente”. Pablo Neruda, outro chileno, nasceu em 12 de Julho de 1904, foi um poeta que conciliou sua produção literária com a inserção em trabalhos diplomáticos e em cargos políticos, chegando a filiar-se ao Partido Comunista do Chile. Sua obra é reivindicada por García Márquez no discurso de aceitação do premio Nobel de Literatura em 1982, onde este define Neruda como “o grande, o maior”.

monografia: nas primeiras reuniões com a orientadora, muito foi discutido sobre as referências que poderiam ser mobilizadas para a realização deste trabalho. Nesse processo de construção da pesquisa, ainda em 2019, ficou decidido que para a monografia seriam utilizadas duas obras como fontes.

O objeto da pesquisa foi se delineando dentro do processo de busca por fontes e de compreensão do que seria possível estudar dentro da temática ampla da América Latina. Isso ocorreu em uma dinâmica que encontra eco na descrição sobre como geralmente são escolhidos e definidos os temas de pesquisa pelos estudantes no curso de História, onde, segundo as professoras Maria do Pilar Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Aun Khoury há dois caminhos possíveis que levam a tal escolha:

Desse modo, ao iniciar a pesquisa, as expectativas dos alunos ora se orientam prioritariamente no sentido de dar respostas a inquietações geradas no próprio curso, ora prioritariamente no sentido de responder a questões colocadas pela sua própria experiência de vida. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1989, p. 31).

Atesta-se que a escolha que desemboca nesta pesquisa pode ser considerada um misto de ambas as inclinações. Ainda que a busca pela tentativa de compreender e aprofundar questões que surgiram (e surgem) a partir da experiência de vida tenha um peso maior, porque a condição de latino-americana sempre moveu em minha vida uma pulsão por entender esse lugar social no mundo, discutir seus dilemas e conjecturar seus caminhos alternativos.

Isto posto, chega-se a uma questão importante para o debate proposto como um todo: existe uma memória, ou memórias, do continente latino-americano? Trago tal indagação como uma forma de adentrar no diálogo que foi estabelecido entre as obras *Cem anos de solidão* e *As veias abertas da América Latina*, ao longo desses anos de pesquisa. São obras que apresentam em seus cernes uma preocupação em reconstituir algo; reconstituição que será explorada adiante.

Sempre que eu falava sobre as questões lançadas à obra *Cem anos de solidão*, mencionava a contribuição de Eduardo Galeano para o pensamento literário latino-americano. Diante de preocupações materiais sobre a América Latina, que, como mencionado, me impulsionaram para esse grande tema dentro da História, tais documentos literários pareciam se retroalimentar. Curioso, uma vez que não encontrei evidências de uma aproximação pessoal entre García Márquez e Galeano.

Mas seria esse um requisito necessário? Afinal, a constituição da intelectualidade latino-americana se dá naquilo dito acima: existem marcadores que unem em um fio histórico

as problemáticas que aparecem em *Cem anos de solidão* e em *As veias abertas da América Latina*. O que coloca a necessidade de se pensar quais são tais marcadores.

A leitura e a análise de ambas as produções não são simples. A primeira, por seu teor fictício que impede qualquer olhar que se pretende objetivo, o qual – que bom – procurei evitar. A segunda, por sua exposição monumental das questões estruturais à economia, à política e à sociedade latino-americana, mesmo que Galeano o faça sem a preocupação de servir às bases estritamente acadêmicas e de soar como um material prioritariamente literário.

Tal característica, inclusive, deve ser ressaltada. A de que utilizar a literatura como fonte para a História se coloca como um movimento privilegiado para escapar às amarras acadêmicas. Não digo que no trabalho em História e Literatura possamos renunciar ao rigor, mas sim aquilo que Déa Fenelon aponta como um “papel potencialmente subversivo” que está presente na metodologia adotada em História Social. Algo que a leva a ter “que ser muito mais perturbadora nas investigações” (FENELON, 1993).

Nesse sentido, o diálogo entre as duas fontes apontadas foi se mostrando cada vez mais proveitoso. Como se formassem um eixo dentro do tempo histórico trabalhado na pesquisa, mas que também pode transitar em uma temporalidade mais ampla dentro do século XX. García Márquez e Galeano são homens deste século XX, foram jovens em diferentes momentos deste tempo, mas experienciaram, pensaram, problematizaram e mais: tomaram como projeto de vida a denúncia explícita da condição social na América Latina. Ainda que mais explícita em termos literários na produção de Galeano, a denúncia é também substancial em García Márquez.

Sobre esta afirmação do caráter político de *Cem anos de solidão*, gostaria de registrar o encontro com a mesma afirmação realizada por Eduardo Galeano no ensaio *A descoberta da América (que ainda não houve)*, dentro do tópico “A literatura política trata de temas políticos; a literatura social, de temas sociais”. Discordando dessa sentença, Galeano demonstra como a política está presente em toda obra literária; ainda que sua autora ou seu autor não o reconheça, pois – sabemos muito bem em História – não existe neutralidade). E, ao final, afirma o trecho que vai ao encontro do que procurei explicar como “denúncia não tão explícita”:

Não concordo com a opinião, quase unânime, que considera O livro de Manuel a obra mais comprometida de Julio Cortázar, da mesma forma que acho que *O outono do patriarca*, de Gabriel Garcia Márquez, é menos rico, no sentido político, que *Cem anos de solidão*, embora a denúncia política não apareça em primeiro plano neste grande romance. (GALEANO, 1990).

Tendo em vista tais elementos, é possível compreender a atualidade de uma obra aparentemente datada, como *As veias abertas da América Latina*. Algo que Claudio Katz pontua como um fator que leva a juventude latino-americana a visitá-la no decorrer dos anos (KATZ, 2021). É amargo perceber que grande parte das questões apresentadas na obra, que podem ajudar a pensar os marcadores mencionados acima, seguem sendo problemáticas latentes na América Latina, dentre elas podemos citar a precarização do trabalho e as receitas econômicas (além da dívida externa) que levam países ao empobrecimento na lógica do imperialismo capitalista representado pelos Estados Unidos⁵.

Outro elemento importante para a compreensão dessa obra historicamente é o contexto de sua produção e, sobretudo, o lugar de contraposição assumido pelo autor em sua escrita⁶: trata-se de uma série de ditaduras militares que foram instaladas pelo continente latino-americano na segunda metade do século XX. Como um fator que demonstra a complexidade de tais ditaduras dentro de cada país latino-americano, está a temporalidade de cada regime; em países como a Guatemala a tomada do poder político pelos militares se deu ainda em 1954 e em outros países mais localizados ao sul os regimes iniciaram entre as décadas de 60 e 70, como foi o caso do Brasil (1964) e Uruguai (1976).

Pesadas as diferenças cronológicas, é fato que tais ditaduras tiveram como fatores impulsionadores dois elementos cruciais: a busca por frear governos que investiam em processos de reformas sociais profundas, como no caso guatemalteco e chileno. Na Guatemala a primeira dimensão pode ser exemplificada com a reforma agrária de 1952 e a instauração do código trabalhista em 1947, o que no Chile se daria com a proclamação da nacionalização do cobre e de uma reforma agrária que foram massacrados pelo golpe de 1973 (GALEANO, 2014), chefiado pelo general Pinochet (muito entusiasta das receitas econômicas no total contrário ao que propunha Allende na *via chilena para o socialismo*). A segunda dimensão desse período de ditaduras em diferentes países da América Latina pode ser buscada na presença de planos como a Operação Condor, que foi uma cooperação entre as ditaduras do cone sul com ajuda em serviços de inteligência secreta dos Estados Unidos.

Assim, além da ligação social presente nas obras *Cem anos de Solidão* e *As veias abertas da América Latina*, existe uma ligação temporal. Isto é, ambas as obras estão localizadas no decorrer da segunda metade do século XX. A primeira sendo publicada

⁵ Aqui, utilizo a concepção de imperialismo largamente explorada por David Harvey na obra *O novo imperialismo* (HARVEY, 2003).

⁶ Refletindo sobre *As veias abertas da América Latina*, sete anos depois da primeira publicação, Eduardo Galeano endossa a crítica aos regimes militares dizendo: “De igual modo, os comentários mais favoráveis que este livro recebeu não provêm de nenhum crítico de prestígio, mas das ditaduras militares que o elogiaram proibindo-o”. (GALEANO, 1978).

inicialmente em 1967 e a segunda em 1971, um período em que debates sobre a realidade latino-americana, dentro da economia e da política, eram formulados por pensadores brasileiros como Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini.

Por não ser uma temática que se propõe desvelar na pesquisa, não será possível adentrar neste movimento dentro das humanidades que ficou conhecido como Teoria Marxista da Dependência. Porém, para que compreendamos o lugar de onde fala Galeano naquele contexto é preciso destacar o alinhamento, como integrantes do mesmo campo político, social e econômico, com tais pensadores, que, em resumo, se debruçaram sobre as razões do subdesenvolvimento na América Latina, buscando entender as particularidades do capitalismo nesta região (KATZ, 2021).

Outro fator importante que aproxima Galeano das temáticas da Teoria Marxista da Dependência, e também coloca *Cem anos de solidão* dentro desse contexto político e de produção intelectual específica, é a influência, naquele momento, da recente Revolução Cubana. Assim, ao buscar desvelar problemas estruturais do capitalismo na América Latina, Galeano se alinha com a solução revolucionária de tais questões. Algo que a Teoria Marxista da Dependência enxerga no socialismo, e Galeano na justiça social.

Isso posto, García Márquez também pode ser identificado ao compromisso com bases revolucionárias para a resolução de conflitos sociais presentes na América Latina; primeiro por seu envolvimento como funcionário da Prensa Latina⁷ logo na eclosão da Revolução Cubana. Essa postura política se manteria, ainda que de maneira mais presente nas relações pessoais e nas ações de sua carreira como jornalista e escritor já não mais ligado à Revolução (MARTIN, 2010, p. 333). Uma postura que vai ao encontro da construção de uma nova sociedade na América Latina que tenha justiça social e não apenas desditas e a eterna reconstrução pela solidariedade da comunidade.

Quando, em *Cem anos de solidão*, é possível identificar fios econômico e cultural que ligam os países da América Latina, deparando-se com essa dimensão de denúncia e de elaboração de elementos presentes na identidade latino-americana. Isto sem cair em uma mera descrição dentro do romance, afinal, trata-se de uma obra que ficou conhecida por seu “realismo fantástico”. Mas colocados através de momentos da obra que produzem imagens da exploração da terra, por exemplo, numa lógica de exportação capitalista e dominação

⁷ A *Presa Latina* foi um órgão criado pela Revolução para produzir jornalismo voltado às questões nacionais e da América Latina. Jornalistas de diversos países do continente contribuíram para a *Prensa*, abrindo escritórios fora de Cuba. Como foi o caso de García Márquez, em Bogotá; tendo sido transferido para Nova York posteriormente.

neocolonial: algo que rege o estabelecimento, auge e ruína da Companhia Bananeira em Macondo.

Para isso, ao longo do capítulo doze de *Cem anos de solidão*, García Márquez constrói a estratégia sorrateira que opera nas “descobertas” de recursos, comuns para os habitantes locais, e que são convertidos em fonte de lucro e riqueza para os capitalistas. Na obra, o sujeito que personifica tal postura é Mr. Herbert, um “gringo” que chega em um dos trens que acabara de ser inaugurado em Macondo; e como é praxe, a família Buendía abre as portas de sua casa para os forasteiros, são eles que recebem esse homem.

É significativa a cena em que Mr. Herbert descobre o potencial da banana:

Em meio a essas criaturas de circo, com calças culote e polainas, chapéu de cortiça, óculos com armação de aço, olhos de topázio e pele de galo fino, numa das tantas quartas-feiras chegou a Macondo e almoçou na casa o rechonchudo e sorridente Mr. Herbert. (MÁRQUEZ, 2018, p. 244).

Continua:

Ninguém reparou nele até que comesse o primeiro cacho de bananas. [...] Quando levaram para a mesa o cacho malhado de bananas que costumavam pendurar na sala de jantar durante o almoço, arrancou a primeira fruta sem muito entusiasmo. Mas continuou comendo enquanto falava, saboreando, mastigando, mais com distração de sábio que com deleite de bom comedor, e ao terminar o primeiro cacho suplicou que trouxessem outro. Então, tirou da caixa de ferramentas que sempre levava consigo um pequeno estojo de aparelhos ópticos. Com a incrédula atenção de um comprador de diamantes examinou meticulosamente uma banana seccionando suas partes com um estilete de farmacêutico e calculando sua envergadura com um calibrador de armeiro. (MÁRQUEZ, 2018, p. 245).

Na sequência, vê-se como Mr. Herbert aciona uma equipe de engenheiros, agrônomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores para iniciarem os estudos de terreno com o objetivo de implementar a Companhia Bananeira.

Tal passagem de *Cem anos de solidão* é muito elucidativa de algumas das questões que estão presentes desde o início deste capítulo da monografia, dentre elas a reflexão sobre uma identidade latino-americana que se mostra através da memória do “descobrimento”.

É preciso lembrar que o povoado de Macondo é constituído, no início do romance, por várias famílias que buscam um lugar para construir suas vidas e desenvolverem-se mutuamente. Dentro desse contexto, a família Buendía se destaca como pioneira, sendo ela,

inclusive, a família que tem o primeiro contato com a grande transformação que ocorre em Macondo após a chegada de Mr. Herbert.

Aqui acredito ser possível enxergar duas imagens que encontram exemplos reais dentro da História da América Latina. Antes, contudo, coloca-se necessário pontuar a concepção de imagens com que procuro tecer as seguintes reflexões. Através da leitura de dois trabalhos essenciais para a constituição de referências em História e Literatura cheguei a conceitos importantes como o já referido “imagem”, mas também o “olhar político” e a experiência da narração. O último conceito será aprofundado no capítulo dois. Então, vamos à “imagem” e ao “olhar político”.

No decorrer da leitura da tese de doutorado de Maria do Rosário da Cunha Peixoto me deparei com o trabalho desta historiadora com o objeto da literatura infantil; ali ela procura questionar em termos políticos, e não apenas “semânticos”, o que significa a infância e a definição de criança, por exemplo. Ao longo do trabalho, Peixoto utiliza muito a noção de imagem, termo que está presente, inclusive, no título de sua tese: *E as palavras têm segredos: imagens de criança na literatura infantil brasileira de resistência (1970 – 1990)*. Peixoto utiliza as obras da escritora brasileira Ana Maria Machado, buscando compreendê-la no contexto social e político, nesse caso o de uma literatura de resistência ao período da ditadura no Brasil (PEIXOTO, 1997).

Inspirada na procura por imagens dentro da literatura, procurei quais seriam essas imagens escolhidas por García Márquez em *Cem anos de solidão*. Nesse caminho, foram retomadas as identificações que haviam sido feitas ao longo da análise da obra e foi gratificante atestar que inúmeras são as imagens de América Latina e seus enfrentamentos dentro da política e da sociedade.

Isso nos leva ao uso do “olhar político” proposto por Beatriz Sarlo (SARLO, 1997, p. 55-63). Para a crítica literária argentina, o uso de um olhar político na arte não exclui o uso do olhar estético, mas, antes, possibilita que as diferenças sejam consideradas e que a tradição seja quebrada a partir de um olhar que se abre a novas perspectivas. Quando lia este ensaio, pensava a todo o momento em como García Márquez praticou um olhar político através dos personagens-sujeitos, das imagens de eventos da História latino-americana e, sobretudo, dos conflitos e tensões que permeiam todo esse âmbito.

Essa junção entre imagens que se escolhe tecer em *Cem anos de solidão* e do olhar político constituinte de tais escolhas talvez possam retomar a concepção de Nossa América com que iniciamos o capítulo. Pois, o diferencial em José Martí é justamente este: considerar a pluralidade da formação social na América Latina, ao olhar para a realidade de Cuba, refutar

veementemente a escravidão de negros africanos; e, ao reivindicar que se degele o sangue coagulado da América Latina, destacando a importância de criar a partir das bases materiais da nossa região, encoraja que uma memória, podemos dizer, igualmente coagulada, possa ser problematizada. Muito dessa memória coagulada enxergamos em *Cem anos de solidão*.

Primeiro, dentro das imagens enxergadas, há o cenário de “descobrimento” que se dá através da banana apreciada tal qual um diamante. E, não por acaso, García Márquez compara o fruto com o mineral. Lembremo-nos do ouro que motivou a destruição de Tenochtitlan pelos espanhóis.

Em segundo lugar, ainda dentro dessa memória retomada por García Márquez, o captar do lampejo em que a transformação de toda a estrutura conhecida até então começa a acontecer. Aqui a experiência de narração de García Márquez parece induzir a tal lampejo, construindo uma cena em que, como leitores, somos capazes de perceber que uma mudança estrutural vai ocorrer.

Aponto, ainda neste capítulo, como García Márquez explicita o início da desigualdade social dentro de Macondo. Pois, com a chegada em massa de gente de fora, chamada por eles de “gringos” é formado um povoado alternativo ao restante da população de Macondo. Outra imagem que é escolhida pelo autor. Há uma mensagem social que García Márquez busca passar ao leitor: existe um conflito inerente entre modos de vida dos moradores da região e interesses exteriores, que surge quando multinacionais, como a real *United Fruit* que marcou presença nas regiões do Caribe e América Central, impõem uma atividade econômica em prejuízo da cultura local.

Frente a todo caos, que García Márquez pontua como muito diferente àquele causado pela chegada periódica dos ciganos e seus inventos no início do romance, o coronel Aureliano Buendía afirma: “Vejam só a confusão em que a gente foi se meter — costumava dizer o coronel Aureliano Buendía —, só porque convidamos um gringo para comer banana.” (MÁRQUEZ, 2018, p. 248). De fato, há uma enorme “confusão” desde que a América Latina foi invadida por europeus e utilizada como motor para o desenvolvimento do capitalismo, em sua forma inicial de mercantilismo.

Dentro deste diálogo proposto, portanto, espera-se ter demonstrado como o trabalho inicial com estas duas obras possibilitou o que chamei de retroalimentação. De maneira que, ainda que a fonte principal tenha sido *Cem anos de solidão*, em decisão conjunta com a orientadora, toda a leitura e análise de *As veias abertas da América Latina* não se mostrou “perdida”. Assim, muitas das perguntas que lancei à obra de García Márquez encontraram

uma maneira diferente de serem abordadas na obra de Galeano. Vamos explorar melhor estas perguntas.

1.2 O século XX e a América Latina: ebulição política e a questão do imperialismo

A América Latina, no decorrer do século XX, vivenciou uma série de movimentos populares históricos, revoluções, tentativas de revolução, e, também, ditaduras que perduraram anos e tentaram camuflar, através do desenvolvimento industrial, torturas, mortes e exílio dos seus opositores. Ainda que a primeira metade do século XX não seja o tempo histórico considerado para esta pesquisa, é inegável a influência de um evento ocorrido entre 1910 e 1920 para a constituição de uma prática anti-imperialista de caráter latino-americano que marcaria a segunda metade do século XX. Trata-se da Revolução Mexicana.

Tal Revolução ocorreu em um contexto ditatorial que ficou conhecido como *Porfiriato*, um governo chefiado pelo militar Porfírio Díaz entre o final do século XIX até 1911, quando Díaz deixa o México na eclosão da Revolução. Este governo, como outros que mencionaremos neste capítulo, ficou marcado pela expansão de privilégios para os Estados Unidos, país que era o principal mercado importador de produtos mexicanos, mas que, segundo as historiadoras Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino, possuíam maior interesse nas terras para exploração mineira (PELLEGRINO; PRADO, 2018).

No contexto mexicano existia um conflito de classes e de terras vigente desde a lógica colonial e que posteriormente alcançou a lógica imperialistas, envolvendo os grupos indígenas. Em países como México, Guatemala e Peru, os indígenas são um grande contingente populacional, e, no caso específico mexicano, formavam a classe camponesa que há séculos vivenciava a usurpação de suas terras e os meios de vida precários. Diversos projetos buscaram implementar a justiça social e a reforma agrária no país. O projeto liderado por Emiliano Zapata despontou como o de cunho mais radical, na defesa da expropriação das terras de latifundiários para o uso legítimo dos indígenas, indo além da simples troca de governos.

Entende-se que a Revolução Mexicana se configurou não apenas a primeira revolução popular latino-americana do século XX, mas uma revolução de caráter anti-imperialista, que seria a bandeira de outros eventos característicos do século XX que convencionei chamar de “em ebulição”.

Essa “ebulição” se estende e assume novos projetos anti-imperialistas na segunda metade do século XX. Algo que podemos encontrar em imagens presentes na obra *Cem anos*

de solidão. Quando García Márquez escolhe colocar a disputa secular entre liberais e conservadores dentro da história da estirpe dos Buendía, parece convidar os leitores a pensarem sobre o que significa esse histórico estado de guerras e violência dentro do universo de Macondo; que, como se sustenta nesta pesquisa, pode ser a reconstituição (o que não significa “retratar o real”) de uma memória do universo latino-americano, e, por que não, colombiano. Ou, pode-se pensar, da América Central e Caribe.

É preciso fazer essa delimitação geopolítica para que se possam compreender as especificidades do imperialismo dentro da região onde localizamos a Macondo de García Márquez, que possibilita pensar as Macondos da Nossa América. O seguinte trecho de Eduardo Galeano pode introduzir a questão:

O Corão menciona a bananeira entre as árvores do paraíso, mas a bananização da Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Equador permite suspeitar de que se trata de uma árvore do inferno. Na Colômbia, a United Fruit já se tornara dona do maior latifúndio do país quando, em 1928, eclodiu uma grande greve na costa atlântica. Os trabalhadores bananeiros foram aniquilados a tiros, na frente de uma estação ferroviária. Um decreto oficial tinha sido publicado: “Os homens de força pública estão autorizados a castigar pelas armas...”, e depois não houve necessidade de editar nenhum decreto para apagar a matança da memória oficial do país. (GALEANO, 2014, p. 157-158).

O decreto de que falava Galeano foi a ordem dada pelo governo colombiano, no ano de 1928, com apoio dos Estados Unidos e da multinacional *United Fruit*, para a severa repressão de uma greve realizada pelos trabalhadores da companhia bananeira contra as más condições de trabalho (MONTELEONE, 2019). Sem nenhuma surpresa, a empresa considerava a greve como uma agitação de cunho subversivo e comunista, e o saldo do decreto que estabeleceu o massacre foi a morte de cerca de mil camponeses.

Esse episódio violento é um exemplo claro da dinâmica política que os Estados Unidos aperfeiçoaram ao longo do pós-segunda guerra mundial, com sua posição hegemônica cada vez mais desenvolvida e assegurada. Nota-se, olhando retrospectivamente, um movimento de mudança da hegemonia imperial, ocupada pela Inglaterra até a primeira guerra mundial. Esta mudança não ocorreu da noite para o dia. Porém, a ação de empresas como a *United Fruit* na América Central e no Caribe pode ser enxergada como um laboratório bem sucedido para a expansão dessa presença econômico-política em outros países da América Latina.

De acordo com o geógrafo David Harvey, de fato, após o término da segunda guerra mundial, os Estados Unidos passaram a ser a maior potência econômica mundial (HARVEY,

2003). Isso proporcionou dois momentos da expansão norte-americana do poder que Harvey denomina como uma “hegemonia norte-americana: 1945 – 1970” e depois uma “hegemonia neoliberal, 1970 – 2000”. Ambas as fases da hegemonia norte-americana, permeadas por um imperialismo capitalista (termo que Harvey utiliza) podem auxiliar na identificação de como e quando surgiu essa hegemonia imperial dentro do capitalismo, exercida pelos Estados Unidos. Entender tal processo pode levar a localizar a gravidade da máxima, mencionada por Galeano e que, apesar de falar do México, pode incluir todo o continente latino-americano: “Pobrezinho do México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos” (GALEANO, 2014, p. 175-175).

Sem a pretensão de esgotar as categorias que estão presentes na Geografia, principalmente da geopolítica, encontra-se no texto de Harvey elementos muito caros para que localizemos, no campo da História, como opera esse imperialismo capitalista exercido pelos Estados Unidos na América Latina. Como o próprio geógrafo afirma, é muito fácil recorrer a tal termo, mas é preciso saber com que categoria se está trabalhando.

Em resumo, o imperialismo capitalista sob hegemonia norte-americana opera em uma junção de aspectos da política e da economia. No campo da política, este imperialismo conta com aliados a seus interesses que passam a ser encarados como universais, em troca de apoio irrestrito às elites econômicas locais que na história latino-americana muitas vezes são o governo, como no caso da ditadura Somoza na Nicarágua⁸. Isso explica como governo colombiano e a *United Fruit* agiram em conjunto na repressão da greve realizada pelos trabalhadores da companhia bananeira, por exemplo.

Outras podem ser as ferramentas utilizadas pelo império, e sempre se busca exercer um domínio de maneira desigual:

A riqueza e o bem-estar de territórios particulares aumentam à custa de outros territórios. As condições geográficas desiguais não advêm apenas dos padrões desiguais da dotação de recursos naturais e vantagens de localização; elas são também, o que é mais relevante, produzidas pelas maneiras desiguais em que a própria riqueza e o próprio poder se tornam

⁸ Em 1927, os Estados Unidos invadiram a Nicarágua com o uso da força de fuzileiros navais e do apoio da Guarda Nacional do país, com claros interesses voltados à produção nas terras latifundiárias, em outro país marcado pela ação de empresas como a *United Fruit*. Contudo, houve movimento de resistência à tal presença norte-americana, um exército popular liderado por Augusto Sandino lutou contra os fuzileiros e a Guarda, em defesa da soberania nicaraguense; Sandino foi assassinado sob ordem do comandante da Guarda Nacional: Anastasio Somoza. Em 1936, ele se tornaria ditador da Nicarágua, lugar que ocupou até 1956; e, posteriormente, seus filhos assumiram a presidência de maneira direta e indireta, interferindo na política do país até a eclosão e vitória da Revolução Sandinista em 1979. A ditadura Somoza, longa e sanguinária, demonstra como as oligarquias locais se alinham ao imperialismo capitalista dos Estados Unidos em troca de expansão de seus latifúndios e poder. Somoza chegou a deter a maior quantidade de terras na Nicarágua, com larga produção de café.

altamente concentrado em certos lugares como decorrência de relações assimétricas de troca. (HARVEY, 2003, p. 35).

Desse modo, chega-se à compreensão de como o lucro pode fazer com que uma região inteira, no caso da América Central e do Caribe, com a banana, mas também com o café e outros produtos primários, sirvam à lógica que mantém essa balança desigual de poder e de riqueza. Afinal, a produção de largas plantações de banana na Colômbia, de café no mesmo país e também no Brasil, só podem se dar através da exploração de uma mão de obra que não usufrui da riqueza que é deslocada para o lado da balança que possui a hegemonia⁹.

Quando são lançadas a *Cem anos de solidão* perguntas sobre a identidade latino-americana e as memórias deste continente, conforme exposto até aqui, depara-se com uma série de imagens permeadas de realidade-ficção, tais como a do massacre dos camponeses trabalhadores da companhia bananeira que entraram em greve contra a multinacional *United Fruit*. Tal massacre ocorreu na Colômbia, em 1928. Mas outro evento, de natureza semelhante, porém em data e local diferentes, pode ser encontrado quando se investiga a História da América Latina

Falo sobre o massacre dos trabalhadores das minas de salitre de Tarapacá, no Chile. Em momentos distintos, percebe-se a confluência para um tempo histórico, com o encontro da memória de outra repressão brutal a trabalhadores que reivindicaram seus direitos. Ali, em uma região que antes pertencia ao Peru, tendo sido posteriormente anexada ao Chile, conforme demonstram Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino, a polícia abriu fogo contra mineiros, mulheres e crianças que estavam em uma escola na cidade de Iquique (PELLEGRINO; PRADO, 2018, p. 118). O movimento da *Nova Canção Chilena* eternizou

⁹ Nesse sentido, a reflexão realizada por Galeano nas páginas 146 e 147 de *As veias abertas da América Latina* podem dar mais profundidade à tal reflexão: “O café beneficia muito mais quem consome do que quem o produz. Nos Estados Unidos e na Europa gera rendas, empregos, e mobiliza grandes capitais; na América Latina, paga salários de fome e acentua a deformação econômica dos países postos a seu serviço. **Nos Estados Unidos, o café proporciona trabalho a mais de 600 mil pessoas: os norte-americanos que distribuem e vendem o café latino-americano ganham salários infinitamente mais altos do que os brasileiros, colombianos, guatemaltecos, salvadorenses ou haitianos que semeiam e colhem o grão nas plantações. De outra parte, informa-nos a CEPAL que, por incrível que pareça, o café entorna mais riqueza nas arcas estatais dos países europeus do que a riqueza que deixa em mãos dos países produtores.** [...] Os países ricos, pregadores do livre-comércio, aplicam o mais rígido protecionismo contra os países pobres: convertem tudo o que tocam em ouro para eles mesmos e em lata para os demais – incluindo a própria produção dos países subdesenvolvidos. O mercado internacional do café copia de tal modo o desenho de um funil que o Brasil, recentemente, aceitou impor altos impostos às suas exportações de café solúvel para proteger – protecionismo ao contrário – interesses dos fabricantes norte-americanos do mesmo artigo. O café instantâneo produzido no Brasil é mais barato e de melhor qualidade do que o da florescente indústria dos Estados Unidos, mas no regime da livre concorrência, está visto, uns são mais livres do que os outros.” (GALEANO, 2014, p. 146-147).

em uma obra musical a memória desse massacre tão característico das *veias abertas* de Nossa América¹⁰.

Em uma posição que não deve ter ignorada a dimensão política de denúncia, García Márquez escolheu dar nova constituição ao massacre de 1928, que, de tão absurda, beira realmente o mágico. No capítulo quinze de *Cem anos de solidão*, José Arcadio Segundo, que, como o coronel Aureliano Buendía, possui uma memória marcante de infância, a de ter assistido a um fuzilamento, se encontra no meio do anúncio do decreto que autorizou o uso das armas contra a população:

A multidão cansada exalou um suspiro de desalento. Então, um tenente do exército subiu no telhado da estação, onde havia quatro ninhos de metralhadoras enfileiradas apontando para a multidão, e ouviu-se um toque de silêncio. Ao lado de José Arcadio Buendía estava uma mulher descalça, muito gorda, com dois meninos de uns quatro e sete anos. Carregou o menor e pediu a José Arcadio Segundo, mesmo sem conhecê-lo, que levantasse o outro para que ouvisse melhor o que iam dizer. **José Arcadio Segundo colocou o menino a cavalo em sua nuca. Muitos anos depois, esse menino haveria de continuar contando, sem que ninguém acreditasse, que tinha visto o tenente lendo com uma corneta de gramofone o Decreto Número 4 do Chefe Civil e Militar da província.** Estava assinado pelo general Carlos Cortes Vargas e pelo seu secretário, o major Enrique García Isaza, e em três artigos de oitenta palavras declarava que os grevistas eram uma quadrilha de malfetores, e facultava ao exército o direito de matá-los a bala. (MÁRQUEZ, 2018, p. 328, grifos meus).

Continua:

José Arcadio Segundo, suando gelo, desceu o menino dos ombros e entregou-o à mulher. “Esses filhos da puta são capazes de atirar”, ela murmurou. José Arcadio Segundo não teve tempo de falar, porque naquele instante reconheceu a voz rouca do coronel Gavilán gritando e fazendo eco às palavras da mulher. Embriagado pela tensão, pela maravilhosa profundidade do silêncio e, além do mais, convencido de que nada faria aquela multidão pasmada pela fascinação da morte se mover dali, José Arcadio Segundo empinou-se por cima das cabeças que estavam na sua frente, e pela primeira vez na vida ergueu a voz. (MÁRQUEZ, 2018, p. 329).

“A lei marcial continuava, pura prevenção caso fosse necessário aplicar medidas de emergência para a calamidade pública do aguaceiro interminável, mas a tropa estava aquartelada. Durante o dia os militares andavam pela correnteza das ruas, com as calças enroladas até a metade das pernas, brincando de naufrágio com as crianças. **De noite, após o toque de recolher, derrubavam as portas a coronhadas de fuzil, arrancavam os suspeitos de suas camas e os levavam numa viagem sem volta. Era ainda**

¹⁰ Cantata Popular Santa María de Iquique. *memoriachilena*, Biblioteca Nacional de Chile. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-96419.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

a busca e o extermínio dos malfetores, assassinos, incendiários e revoltosos do Decreto Número Quatro, mas os militares negavam tudo aos próprios parentes de suas vítimas que lotavam o escritório dos comandantes à procura de notícias. “Com certeza foi um sonho”, insistiam os oficiais. “Em Macondo não aconteceu nada, nem está acontecendo, nem acontecerá nada nunca. Este é um povo feliz.” Assim consumaram o extermínio dos chefes sindicais. (MÁRQUEZ, 2018, p. 335, grifos meus).

Os trechos acima são parte de um momento da obra que busca e reconstitui a memória do massacre de trabalhadores de 1928. É importante destacar alguns dos elementos presentes em tais excertos de *Cem anos de solidão*, pois eles nos permitem pensar como García Márquez reivindica uma memória que se opõe à memória oficial das autoridades.

Isso fica claro quando os militares escolhem esconder das famílias a verdade sobre o massacre, ressaltando uma memória construída de que “Em Macondo não aconteceu nada, nem está acontecendo, nem acontecerá nada nunca.”¹¹. Em uma tentativa semelhante de dar forma branda às memórias que são feitas de escombros e sangue, o que nos lembra da tese dezesete de Benjamin, em que ele problematiza o tempo homogêneo e vazio, o mesmo tempo que busca cristalizar a imagem repetida pelos militares de que o povo de Macondo “é um povo feliz”:

[...] O materialista histórico aproxima-se de um objeto histórico somente quando ele o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para explodir uma época determinada para fora do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele arranca à época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. O resultado desse procedimento é que assim se preserva e transcende na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico. (BENJAMIN, 2012, p. 251).

Nesse sentido, García Márquez pode ser considerado um agente que se posiciona na luta por esse passado oprimido, tecendo na prática literária a experiência de um escritor que não se desvencilha do social. Isto pode engrossar as fileiras do anti-imperialismo? É possível considerar que sim, uma vez que o que se ressalta em *Cem anos de solidão* é o lado dos sujeitos “vencidos”, grevistas, mulheres e crianças, que são, afinal, a face (aparentemente) menos poderosa da chamada balança desigual dentro do imperialismo capitalista.

¹¹ Instigante identificar como esta frase pode ser deslocada para outras temporalidades da história na América Latina, como quando se afirma, com ignorância ou má índole intelectual, que a ditadura militar brasileira matou menos do que outras.

CAPÍTULO 2

Gabriel García Márquez: jornalismo, literatura e experiência de “Narrador”

Walter Benjamin, uma das referências importantes para minha formação em História e para a construção do pensamento histórico em andamento, escreveu longamente sobre a experiência de narrador na obra de Nikolai Leskov (escritor russo do século XIX); para Benjamin, Leskov conseguiu extrair a essência do narrador e da experiência de narrar. Ao longo das teses do filósofo, há uma diferenciação das experiências de narrativa e de romance (BENJAMIN, 2012, p. 213-240). Segundo Benjamin, a *narração* está diretamente relacionada à prática de contar histórias boca a boca. Em um movimento perspicaz de identificação das mudanças culturais vivenciadas no início do século XX, há a preocupação do autor com a perda da capacidade humana de narrar.

Isso porque, conforme atestado, principalmente nos primeiros tópicos do ensaio, a aceleração da vida cotidiana estaria acelerando também a maneira de contar e ouvir histórias. Esta não era, claro, uma mudança exclusiva do século XX, mas sim uma herdeira dos processos de transformação da lógica do tempo e trabalho com o desenvolvimento do capitalismo através, sobretudo, da Revolução Industrial. Algo que E.P. Thompson abordou de maneira detalhada em trabalhos como *Costumes em comum*, com destaque para o texto de título *Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial* (THOMPSON, 1998).

Thompson perpassa a questão das transformações no cotidiano dos trabalhadores, tais como tecelões e outros ainda não totalmente inseridos dentro da lógica industrial que seria implementada em ritmo cada vez maior. Dentre as mudanças identificadas está o processo de transformação de experiências de tempo no cotidiano de trabalhadores: tempos de vida, tempos de trabalho. As reflexões de Thompson na obra marcam esse lugar de cultura popular como ativa e não separada do social: moldando-o e sendo moldada simultaneamente.

Creio ser produtiva esta relação entre as análises de ambos os intelectuais sobre as transformações profundas causadas pelo capitalismo e seu viés de controle por meio da cultura. É certo que Benjamin, retomando a questão do Narrador, fala de um tempo histórico mais distante do século XVIII estudado por Thompson. Porém, as continuidades estão colocadas uma vez que, dentro da cultura literária, essa experiência de *narração* se

transforma ao longo do tempo. Dentro dessa perspectiva há a identificação do momento em que se perde a capacidade de ouvir:

[...] Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. **Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las.** Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje em todas as pontas, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 2012, p. 221, grifos meus).

Nesse trecho, Benjamin problematiza a forma com que o trabalho alienado dentro do capitalismo conseguiu retirar do mundo do trabalho a capacidade de incorporar histórias narradas e passá-las adiante. Sabe-se, com Marx e Engels, dentro de obras como *Os Manuscritos Econômicos e Filosóficos* e em *A Ideologia Alemã*, como esse estranhamento do homem frente ao trabalho, ao produto do trabalho e ao homem em si são pontos formadores do que se conhece como alienação. O que ajuda a compreender como o dom de narrar se perde ao mesmo tempo em que o homem perde sua essência humana, desconhecendo o sentido de suas próprias atividades.¹²

Desse modo, é também possível entender a passagem da *narração* para o surgimento de dois fenômenos marcantes na cultura popular a partir da Era Moderna: a criação da imprensa e a possibilidade trazida com ela de veiculação do romance. Uma vez que o romance depende diretamente do livro e a *narração* se coloca no campo de: 1) a experiência vivida pelo narrador ou conhecida por ele através de outros; e 2) do narrar e ser ouvido. Assim, ao localizar tais movimentos, Benjamin aponta como a *narração* perde ainda mais seu lugar predominante dentro da cultura que já começava a ser caracterizada como de massas.

Porém, a revolta do filósofo parece ser com a emergência de outra linguagem dentro da imprensa: a informação. Destaco esta justamente por conversar tão bem com o tempo presente. Pois, se no início do século XX há o espanto com a imediatez característica das notícias, o mesmo espanto estende-se ao mundo digital da chamada Era da Tecnologia e Informação, ou mundo globalizado, que, conforme se buscou analisar no capítulo um, forma

¹² Sobre como opera o trabalho alienado ou estranhado: “Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada” (MARX, c2004, p. 84).

parte de uma longa história do Imperialismo, o qual não se limita às esferas econômica e política, mas é bem demarcado dentro da cultura.¹³

Benjamin mostra como o encurtamento das histórias através da instantaneidade das notícias é nocivo para a narrativa, o que leva à reflexão sobre tais elementos dentro da obra *Cem anos de solidão* e do contexto latino-americano da segunda metade do século XX. Seria plausível falar do romance de García Márquez como um exemplo de continuidade, pesadas as transformações pontuadas até agora, do dom narrativo identificado por Benjamin na experiência de Leskov?

Para encaminhar o diálogo direto com o ensaio discutido aqui, coloca-se importante citar mais alguns elementos tidos como essenciais para a experiência do narrador, segundo Benjamin. Trata-se da impressão de que o narrador vem de longe, de que suas histórias formam uma teia repleta de experiências próprias e alheias. Benjamin sustenta que “as melhores narrativas escritas são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos”; o que traz outra questão: seria esse o diferencial narrativo presente nas obras de García Márquez?

Ao narrador cabe, ainda, transitar entre o “mestre e o sábio” que dão conselhos. Conselhos que, justamente por não serem produtos apenas de uma experiência individual, carregam em si as raízes da sabedoria. Por fim, e acredito que o mais importante para compreender o impacto narrativo e histórico-político de *Cem anos de solidão*:

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a própria e a alheia – transformando-a num produto sólido, útil e único?” (BENJAMIN, 2012, p. 239).

Tal reflexão sobre a matéria do narrador pode auxiliar na tentativa de responder às questões colocadas anteriormente, já que, ao lermos *Cem anos de solidão* com olhar de historiadores, podemos encontrar pistas de ambas as perguntas feitas. Sobre a possível continuidade do dom narrativo no romance estudado, parece evidente que García Márquez

¹³ Para esse debate, Galeano, em “*A descoberta da América (que ainda não houve)*” pode contribuir: “Sobre a segunda omissão, quem poderia negar a influência da chamada “cultura de massas” sobre as multidões latino-americanas, que não necessitam saber ler para escutar rádio ou assistir a televisão? Essa “cultura de massas” é fabricada em série nos grandes centros de poder do mundo capitalista, principalmente nos Estados Unidos, e é exportada irradiando modelos de vida em escala universal. O imperialismo cultural atua através do aparato educacional, mas atua acima de tudo através dos meios de comunicação: os canais de televisão, as emissoras de rádio, os jornais e revistas de grandes tiragens. O televisor reina. Este totem familiar do nosso tempo imobiliza seus fiéis durante mais horas que qualquer pregador, e transmite ideologia com um assombroso poder de difusão e de persuasão.” (GALEANO, 1990, p. 9).

exerceu em sua experiência como sujeito social uma longa lista das características aqui elencadas.

O jornalista e escritor colombiano vivenciou uma formação que sempre teve o seu cerne na capacidade de sentar e ouvir histórias. Na infância em Aracataca, com seus avós, aprendeu a ouvir os relatos do coronel Nicolás Márquez como combatente ao lado das forças liberais, em confrontos como a Guerra dos Mil Dias (1899-1902)¹⁴. Mas não apenas nas memórias revisitadas de seu avô foi constituída essa sabedoria de ouvir e contar histórias.

A partir das histórias, lendas, superstições e relatos do passado familiar ouvidas por García Márquez através da avó materna Tranquilina, foi possível ao escritor lapidar ao longo de sua experiência como romancista as memórias apreendidas em tenra infância. Há uma passagem da biografia utilizada em que Martin discute um depoimento do próprio García Márquez, em entrevista a Germán Castro Caycedo para o *El Espectador* de 23 de março de 1977, sobre a dinâmica familiar na casa dos avós:

Aquela casa era cheia de mistérios. Minha avó era muito nervosa; muitas coisas apareciam para ela, sobre as quais ela me falava à noite. Quando contava sobre as almas dos mortos, dizia: “Elas estão sempre assoviando aqui, eu as ouço o tempo inteiro.” Em cada canto havia pessoas mortas e memórias, e depois das seis horas da tarde, não se podia simplesmente andar por ali. Eles me sentavam num canto, e ali eu ficava, exatamente como o menino de A revoada: o enterro do diabo.” (MARQUÉZ apud CAYCEDO, 1977.)

Aqui as semelhanças entre as características pessoais e memórias de sua avó e a personagem Úrsula, de *Cem anos de solidão*, se fazem presentes, pois a matriarca da estirpe dos Buendía também alimenta uma série de superstições ao longo do romance. Tais como a crença de que se dois primos se casassem o filho do casal nasceria com um rabo de porco, temor que ela e José Arcádio Buendía sempre carregaram, sendo eles (e os avós de García Márquez) primos. Outro elemento a ser destacado é o olhar para a força matriarcal em *Cem*

¹⁴ A Guerra dos Mil Dias (1899 – 1902) foi um dos conflitos de disputa pelo poder entre o Partido Conservador e Liberal, ocorridos no decorrer do século XIX para o XX, na Colômbia. Trata-se de uma guerra civil com cerca de 3% da população morta. De acordo com Martin (2010, p. 38, 39, 40 e 41) essa guerra, que se estendeu por três anos, envolveu todo o país, embora tenha sido mais intensa nas regiões ao norte. Em tentativas frustradas de tomar o governo e implementar os projetos liberais, o Partido Liberal acabou assinando um Tratado de Paz com o Partido Conservador, conhecido como Tratado da Neerlandia, em 1902. Porém, a paz não foi garantida de fato uma vez que ondas de violência e as disputas entre ambos os Partidos (nenhum deles representante dos reais interesses da população tais como mudanças efetivas no campo da distribuição de terras, por exemplo) seriam recorrentes na Colômbia no decorrer de todo o século XX. Uma das consequências da Guerra dos Mil Dias e que localiza o lugar imperial dos EUA sobre a América Latina foi a perda do Panamá pela Colômbia, local estratégico para os interesses comerciais estadunidenses que explica o fomento de uma independência dos colombianos.

anos de solidão, postura que, talvez, também vá ao encontro das memórias de infância com a avó e as tias.

Nesse movimento de introjeção, busca, revisitação, explicitação e problematização das experiências alheias identifica-se o trabalho elencado que Benjamin situa como uma boa *narração*. Essas “histórias orais” que estão em igual importância desde as crenças da avó de que os parentes mortos voltavam em determinada hora do dia até os relatos de guerra do avô são parte da matéria viva que García Márquez mantém presente mesmo na ausência dos avós.

Assim, tais memórias parecem ter se transformado, realmente, em uma experiência própria. O que de fato pode ser sustentado, uma vez que, ao serem ouvidas e introjetadas, tomaram uma forma particular dentro da literatura do escritor. Nesse sentido chegamos ao que procurei denominar “diferencial narrativo”, presente na experiência do narrador, dentro de *Cem anos de solidão*.

Tendo em vista a busca por este diferencial nas obras do escritor colombiano, coloca-se essencial pontuar um tipo específico de contato com as memórias advindas das histórias orais. Ainda que esse contato tenha sido construído através de outro meio, que não o familiar, ele não deixa de ser também ligado ao parentesco, sobretudo nos anos em que García Márquez trabalha na região caribenha da Colômbia, como foi o caso do período no jornal *El Universal*, em Cartagena, de onde remonta sua origem. Falo da atuação do escritor como jornalista ao longo de relevantes momentos de sua vida.

Em 1947, García Márquez chegou à Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá, para iniciar os estudos em Direito. O desejo de se tornar um profissional em tal área, contudo, parecia muito mais uma vontade de seus pais, principalmente do pai Gabriel Eligio. Ainda assim, García Márquez ingressou no curso que, conforme é possível acompanhar na leitura da biografia de Gerald Martin, levou aos percalços enquanto se dedicava ao seu verdadeiro interesse: a literatura (MARTIN, 2010, p. 162-201).

Instigante é pensar como esse processo de mudança para Bogotá, a capital do país, muito distante geograficamente e distinta culturalmente da região em que morou entre a infância e adolescência (sendo esta marcada pelo clima e pela cultura caribenha), colocou García Márquez em redes de intelectuais formadas por poetas, jornalistas e escritores que influenciaram e foram influenciados pelo jovem; isso desde a troca de experiências até o compartilhamento de livros. Exemplo dessas redes em que García Márquez sempre esteve inserido é o Grupo de Barranquilla que é descrito dessa forma por Gerald Martin:

O grupo parecia antiburguês, mas era de fato mais antiaristocrático; Cepeda e Obregón, de algum modo, eram ligados aos interesses políticos, econômicos e sociais mais importantes da cidade. A postura mais impressionante nos dois – extraordinariamente rara na América Latina àquela época – era a simpatia por várias coisas norte-americanas. Enquanto Bogotá e a maioria da América Latina ainda estavam escravizadas pela cultura europeia, o Grupo Barranquilla identificava a Europa com o passado e com a tradição, e preferia o exemplo cultural mais direto e mais moderno dos Estados Unidos. Naturalmente, essa preferência não se aplicava às questões políticas nem dispensava críticas; mas, por bem ou por mal, isso colocava o grupo a uns bons 25 anos à frente de praticamente qualquer outro grupo literário ou movimento intelectual latino-americano. (MARTIN, 2010, p. 178).

Martin pontua como García Márquez constrói, mesmo antes da chegada à Universidade, já no ensino secundário também cursado nas proximidades de Bogotá, seu arcabouço de inspirações literárias e sua inclinação para atuar no campo da escrita.

Nesse sentido, lembremo-nos da relação intrínseca colocada por Benjamin entre imprensa-romance-livro: García Márquez chegou a publicar poesias no suplemento literário do *El Tiempo* e posteriormente publicou também romances em suplementos. O que demarca como o jornal, junto a algumas revistas, na época aqui estudada, pode ser encarado como um veículo da cultura literária e, portanto, um instrumento que vai além da difusão dos fatos nus e crus.

Foi nesses anos da década de 1940 que o jovem García Márquez teve contato com obras de Franz Kafka, Hemingway, Faulkner, Dostoievsky dentre outros que o ajudaram a encontrar elementos que não deixariam seu universo literário. O mais importante, porém, não é como o conteúdo de tais autores aparece em seu percurso como escritor, mas como García Márquez se apropria ou não de seus estilos e temas para conceber obras pautadas na “matéria viva” das memórias por ele cultivadas: criando algo novo, próprio, que se destaca como em *Cem anos de solidão* e seu universo mágico.

Isso fica claro na maneira com que García Márquez começou a fazer jornalismo, em um estilo singular que poderia escrever desde críticas de cultura (cinema, sobretudo, que foi um de seus grandes interesses), crônicas e reportagens políticas e sobre acontecimentos impactantes, mas que transcendiam o simples “instante” denunciado por Benjamin. Quando García Márquez é enviado para entrevistar um marinheiro que tivera sido o único sobrevivente da tripulação que estava a bordo do destróier *Caldas*, seu método investigativo demonstrou características próprias. Segundo colocado por Martin, o marinheiro de nome Luis Alejandro Velasco passou a ser ovacionado como herói da Colômbia, mas a entrevista

sobre o caso encomendada a García Márquez pelo jornal *El Espectador* transformou a visão sobre a versão heróica e oficial desse ocorrido.

Em resumo, ao entrevistar minuciosamente o marinheiro com perguntas que iam além dos fatos grandiosos já difundidos sobre o acontecimento, García Márquez conseguiu identificar como o acidente envolvia uma carga ilegal acobertada pelo governo. O mais interessante disso é que alguns anos depois esse trabalho jornalístico foi publicado por García Márquez como um livro intitulado *Relato de um Naufrago*, em uma junção dos estilos jornalístico e literário que demonstra como ambas as linguagens se encontram em vários momentos na obra do escritor.

Outro exemplo da experiência jornalística de García Márquez e que o insere dentro do campo engajado politicamente do qual nunca se desvencilhou pode ser encontrado na obra *Notícia de um sequestro*. Nesse livro encontra-se uma denúncia clara aos crimes cometidos durante os turbulentos anos 80 e 90 do século XX, na Colômbia, oriundos das disputas de poder entre os cartéis de drogas e a tradição de alternância entre os Partidos Liberal e Conservador. Nessa altura, conforme pontua Gerald Martin, García Márquez tinha consciência de sua influência política e passou a se integrar mais nas decisões políticas dentro da Colômbia (MARTIN, 2010, p. 586-591).

É nesse contexto em que García Márquez escreve uma obra que trata de uma realidade repleta de violência, manobras e corrupção que poderiam estar presentes em um universo mágico como o de Macondo, mas que, por escolha do escritor, àquele momento exigia uma fidelidade com a realidade, digamos, mais “crua”. A produção de *Notícia de um sequestro*, que perpassa os casos de sequestros de jornalistas colombianos por iniciativa de Pablo Escobar (em um governo marcado pelo embate direto aos cartéis, durante a presidência de César Gaviria) demonstra como García Márquez utilizou a ferramenta do jornalismo e da literatura, com base sólida nas memórias, em alguns momentos mais subjetivas, e em outras mais entrelaçadas ao significado político e à denúncia explícita, para realizar trabalhos que impactassem e demarcassem seu compromisso social com o país e o continente.

Em uma das fontes utilizadas nessa investigação, encontra-se a história da formação de uma revista política, no ano de 1974, de orientação dentro do espectro progressista, que reunia desde socialistas favoráveis à União Soviética, esquerda nos sentidos mais e menos radicais e anarquistas (POVEDA, 2018). Nessa revista estava García Márquez como um dos fundadores e colaboradores em artigos que denunciavam eventos da década de 1970, tão marcada por golpes militares, sobretudo no cone sul. Foi nessa revista, que levou o nome de *Alternativa*, que o escritor colombiano publicou o texto intitulado *Chile, el golpe y los*

gringos. O posicionamento de García Márquez frente ao recém-instaurado regime ditatorial sangrento, e marcado pela implementação radical do neoliberalismo na América Latina, foi de uma greve literária, que, segundo ele, duraria até que caísse Pinochet; em uma ação que denota mais uma vez seu compromisso com os interesses latino-americanos dentro do anti-imperialismo norte-americano.

Tais experiências da carreira como jornalista também apontam para um trabalho minucioso de García Márquez com a memória, a partir de um método próximo do que conhecemos dentro da História, através do trabalho ora com materiais orais (entrevistas), com a(s) memória(s) e com documentos que para os historiadores são fontes. Isso fica claro, principalmente, na elaboração de *O general em seu labirinto*, obra em que García Márquez se debruçou sobre os últimos dias de Simón Bolívar, proposta que, como ele mesmo pontua nos agradecimentos, não seria possível sem uma larga pesquisa histórica e diversas consultas a historiadores do assunto.

Parece evidente que o caminho constituído desde a infância como ouvinte de narrativas proporcionou a capacidade de lapidar memórias tanto no jornalismo quanto na literatura a ponto de construir esse espaço de experiência da *narração*. É preciso seguir, portanto, no caminho da busca por imagens de memória(s) na obra estudada.

2.1 A memória na obra *Cem anos de solidão*

Então o coronel Aureliano Buendía percebeu, e não sem assombro, que Úrsula era o único ser humano que havia conseguido desentranhar sua miséria, e **pela primeira vez em muitos anos se atreveu a olhar seu rosto**. Tinha a pele curtida, os dentes carcomidos, os cabelos murchos e sem cor, e o olhar atônito. **Comparou-a com a lembrança mais antiga que tinha dela**, na tarde em que ele teve o presságio de que uma caçarola de caldo fervendo ia cair da mesa, e a encontrou despedaçada. Num instante descobriu os arranhões, os vergões, as chagas, as úlceras e cicatrizes que mais de meio século de vida cotidiana havia deixado nela, e comprovou que esses estragos não suscitavam nele nem mesmo um sentimento de piedade. Fez então um último esforço para buscar em seu coração o lugar onde os afetos tinham apodrecido, e não conseguiu encontrá-lo. **Em outro tempo**, pelo menos sentia um confuso sentimento de vergonha quando surpreendia em sua própria pele o cheiro de Úrsula, e em mais de uma ocasião sentiu seus pensamentos interferidos pelo pensamento dela. Mas tudo isso **havia sido arrasado** pela guerra. (MÁRQUEZ, 2018, p. 190).

Nos dias seguintes dedicou-se a **destruir qualquer rastro de sua passagem pelo mundo**. Limpou a oficina de ourivesaria até deixar somente os objetos impessoais, deu de presente suas roupas aos ordenanças e enterrou suas armas no quintal com o mesmo sentido de penitência com que seu pai enterrou a lança que matou Prudêncio Aguilar. Conservou apenas uma pistola, e com uma única bala. Úrsula não interveio. A única vez em que o dissuadiu foi quando ele estava a ponto de destruir o daguerreótipo de Remedios que ela conservava na sala, alumbrado por uma lâmpada eterna. “Esse retrato deixou de pertencer a você faz muito tempo”, disse ela. “É uma relíquia de família”. Na véspera do armistício, **quando já não sobrava na casa nem um único objeto que permitisse recordá-lo**, levou até a padaria o baú com os versos no momento em que Santa Sofia de La Piedad se preparava para acender o forno.

– Acenda com isto – disse ele, entregando a ela o primeiro rolo de papéis amarelados. — **Arde melhor, porque são coisas velhas.**

Santa Sofia de La Piedad, silenciosa, a condescendente, a que nunca contrariou nem os próprios filhos, teve a impressão de que aquele era um ato proibido.

– São papéis importantes — disse ela.

– Nada disso — disse o coronel. — **São coisas que a gente escreve para a gente mesmo.** (MÁRQUEZ, 2018, p. 190-191, grifos meus).

A destruição proposital de suas memórias, feita pelo Coronel Aureliano Buendía, leva a pensar sobre as temporalidades dentro da categoria de memória em *Cem anos de solidão*. Ao acompanharmos as guerras (que dentro do romance nos soam, por vezes, círculos viciosos) travadas entre liberais e conservadores, nas quais o coronel lutou ao lado dos primeiros, nos deparamos com uma desilusão frente ao passado e um choque com o presente. Pela primeira vez, como narrado por García Márquez, Aureliano Buendía se dá conta do envelhecimento de sua mãe, Úrsula.

Ao ler tais passagens, muito da dimensão plural da memória se torna evidente: ali há uma fusão de sentimentos, lembranças, certo arrependimento pelo insucesso das guerras, solidão e o desfecho que cabe retomar: a tentativa de apagamento das memórias que ressurgem desse olhar direcionado pela ação do tempo em Úrsula.

Quando lia *Cem anos de solidão*, em busca de um encontro ainda muito repleto de “representação” da realidade, devo admitir, acreditava que os elementos mais instigantes da obra seriam aqueles que vão ao encontro das dimensões baseadas estritamente no real. E, embora momentos de denúncia política mais explícita, como a passagem que reconstitui imagens do massacre dos trabalhadores da Companhia bananeira, sejam essenciais, as passagens voltadas para as memórias afetivas e formadas por tensões dentro da vida dos personagens podem ajudar a pensar o olhar político lançado por García Márquez dentro desse universo.

Pois, se quisermos ir ao encontro de histórias e memórias no plural, é importante considerar o que indica Déa Fenelon na Introdução de *Muitas memórias, outras histórias* (FENELON, 2004): histórias (e não “a História”) não são reivindicadas de maneira vaga, mas sim como uma tentativa de estabelecer outros olhares para as fontes, um olhar que, por ser plural, é essencialmente político, para retomar Beatriz Sarlo. É preciso, além de inserir e localizar obra e autor, social e historicamente, poder inseri-los dentro do projeto, e as memórias e histórias advindas daí, com o qual se alinham.

Sendo assim, o que poderia significar a destruição das memórias por Aureliano Buendía após anos em batalha? Seria essa uma tentativa de García Márquez de propor o destruir da necessidade de travar guerras e perpetuar um ciclo de violência (muito característico na política colombiana, mas não reduzido àquele país) na América Latina? Estas são perguntas que talvez não possam ser respondidas, mas que saltam à mente enquanto se procura localizar as memórias da América Latina em *Cem anos de solidão*.

A guerra destruiu a capacidade de o coronel sentir afetos, endureceu seu coração, poderíamos dizer. Há algo além da ficção, nesse trecho que encontra eco nas memórias do avô de García Márquez, sim, mas também podemos enxergar uma crítica às batalhas que perpetuam a violência em busca de projetos que, algumas vezes, como o próprio coronel afirma no momento do romance em que busca reunir fundos para promover a “guerra total”, recebendo pouco ou nenhum apoio dos integrantes do Partido liberal, afirma: “A única diferença atual entre os liberais e conservadores é que os liberais vão à missa das cinco e os conservadores vão à missa das oito.” (MÁRQUEZ, 2018, p. 264). Esta é uma chaga na história colombiana, de fato, a ausência de espaço para alternativas mais radicais e solidários aos interesses das camadas populares, e García Márquez certamente sabe desta marca.

Percebe-se na obra a reivindicação e proposição de uma memória da reinvenção dos latino-americanos, pois, ao focar na linhagem dos Buendía, García Márquez expande do núcleo familiar para o âmbito público questões que perpassam as memórias de exploração, de imperialismo norte-americano, de conflito político entre os partidos conservadores e liberais, de violência, de diversidade étnica, de militares e corrupção, de papéis de gênero e da centralidade da família na constituição de uma identidade dentro desse espaço geopolítico que, conforme procurei pontuar, extrapola a imagem de Macondo.

García Márquez realiza um trabalho mnemônico que justamente por ser plural não se retém nas memórias advindas da família, mas mistura-se dentro da matéria viva que vai ao encontro dos aspectos destacados anteriormente. Raphael Samuel, no texto *Teatros de Memória*, propõe refletir sobre o trabalho dos historiadores com a fotografia e como essa

fonte possui em seu cerne a categoria de memória (SAMUEL, 1997). Segundo o historiador britânico, História e Memória não precisam ser trabalhadas como campos diferentes (o que foi feito durante muito tempo), além de sustentar que a memória é marcada pela experiência; em uma concepção muito próxima da figura do narrador experienciada por García Márquez.

Há um momento retratado na autobiografia de García Márquez, *Viver para contar*, explorado por Gerald Martin, em que o escritor colombiano faz uma viagem de volta a Aracataca, aos 23 anos, junto à mãe, para que fossem vender a casa dos avós. Segundo o biógrafo, e compartilho de sua percepção, esta experiência parece ter sido crucial para García Márquez, pois na visita à cidade natal o escritor teve contato com um lugar muito diferente daquele que sua memória pintava. Ao voltar, duas dimensões eram distintas: a Aracataca e o García Márquez. Aqui fica clara a relação com uma passagem de Raphael Samuel em que este pontua que a memória “tem, estampadas, as paixões em seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual.” (SAMUEL, 1997, p. 44).

Quando García Márquez revisita materialmente a cidade que nunca deixou de habitar os textos literários que já continham o espaço Macondo e alguns de seus personagens, ele se depara com as mudanças ao longo do tempo, e pode ter se dado conta desse caráter camaleônico da memória que estava como que ali, congelada em algum lugar da infância com os avós. É curioso perceber resquícios do capítulo final de *Cem anos de solidão* na volta à Aracataca descrita na biografia:

O efeito desse retorno às coisas passadas foi assombroso. Cada rua parecia lançá-lo num túnel do tempo, de volta à casa onde nascera. Era essa a Aracataca da sua infância, as casas caindo aos pedaços, as ruas empoeiradas, a igreja esfacelada e diminuta, parecendo de brinquedo? As movimentadas avenidas verdes de sua memória estavam desertas, como se jamais fossem ter vida novamente. Tudo e todos que ele via pareciam cobertos de poeira e envelhecidos de uma maneira que ele jamais poderia ter imaginado; todos os adultos pareciam doentes, extenuados e derrotados; seus contemporâneos, mais velhos do que a idade que de fato tinham; as crianças, sem alegria e barrigudas; e parecia que os vira-latas e os urubus haviam tomado conta da cidade. Foi como se todos estivessem mortos, e apenas Gabo e sua mãe estivessem vivos. Ou, tal qual num conto de fadas, como se ele próprio estivesse morto e só então voltasse à vida. (MARTIN, 2010, p. 183).

García Márquez parece ter exercido de maneira muito particular esse encontro com o passado e a memória que Maria Célia Paoli pontua como de direito para a constituição da cidadania dos sujeitos sociais (PAOLI, 1992, p. 25-28), identificando como se transformaram todas as dimensões materiais e sociais do espaço até então cristalizado da infância. Como o

coronel Aureliano Buendía, o escritor não reconheceu o lugar e nesse conhecer sob outra ótica a memória, a encontrou com nova vida.

Mais uma vez identifica-se como tal categoria é central na vida e na obra do escritor colombiano, e, ao apontar a não separação de ambas as esferas, História e Memória, fica mais compreensível o trabalho de reconstituição do passado que sempre retornou ao presente do escritor até tomar forma em uma obra que apenas superficialmente poderia ser considerada como um mero resgate das lembranças da infância de García Márquez.

Ao escrever *Cem anos de solidão*, já morando no México após sair da *Prensa Latina* em Nova York, García Márquez estava mais transformado pelas experiências da vida (como jornalista, escritor e militante político) do que o jovem de 23 anos que havia retornado à cidade natal com a mãe. Por isso, talvez, seja possível encontrar tantas imagens das memórias da América Latina e seus marcadores econômicos, sociais e políticos.

O escritor que realiza essa ponte tão tênue entre realidade e ficção beira, realmente, o mágico, ou absurdo em alguns momentos, ao reconstituir, com a bagagem do narrador que vem de longe, um livro que pode fazer sentir identificação tanto na escala da família Buendía quanto na escala de habitantes de Macondo (que, veremos mais adiante, pode ser entendida de outras formas).

Até mesmo o contato com novas referências dentro da literatura latino-americana pode ser enxergado como um elemento essencial na realização de *Cem anos de solidão*. Gerald Martin destaca como o encontro com as obras do escritor mexicano Juan Rulfo, ele mesmo considerado um pilar do realismo mágico (*Pedro Páramo* e *Chão em Chamas*) foi inspirador para que García Márquez investisse em histórias de cunho “mágico” (MARTIN, 2010, p. 342).

Mas de onde vem esse García Márquez criador de *Cem anos de solidão*? Como dito, trata-se de um intelectual que vivenciou como militante a Revolução Cubana, que vivenciou a juventude em Bogotá durante o período de *La Violencia*¹⁵, que viajou para o Leste Europeu e

¹⁵ Em 1948, no centro de Bogotá, um líder político das classes populares Jorge Eliécer Gaitán foi assassinado. Este político recebia ferrenho apoio popular tanto na camada trabalhadora urbana quanto rural e disputaria as eleições seguintes (de 1950) pelo Partido Liberal, sua popularidade, é claro, conferia uma ameaça para o poder conservador no país. Após o assassinato de Gaitán uma série de protestos e conflitos na cidade de Bogotá se espalhou como maneira de expressar a indignação popular com a ação violenta, prédios foram quebrados e incendiados e a repressão policial foi intensa: essa onda de protestos e de repressão que desencadeou mais mortes ficou conhecida como *Bogotazo* e pode ser considerado o momento que precedeu a eclosão de uma das tantas guerras civis da história colombiana chamada de “*La Violencia*” (um período que se estendeu de 1948 a 1958) desencadeando conflitos nas regiões mais remotas do país fruto da indignação geral com a ordem vigente da política na Colômbia. García Márquez iniciou a carreira jornalística nesse contexto e enfrentou diretamente a censura que baixaria sobre os veículos de comunicação uma vez que o poder ficaria em mãos dos conservadores durante longos anos.

teceu suas próprias impressões sobre o socialismo, demarcando um lugar de aproximação e crítica ao mesmo tempo.

Trata-se de um intelectual que jamais abandonou as questões materiais em seu fazer literário, ou experiência de narrador, para voltar a Benjamin; pelo contrário, García Márquez se firmou com um jornalismo comprometido na medida em que assumiu o lado questionador à ordem vigente do imperialismo norte-americano. Firmou-se em uma literatura que tem algo a dizer, que se propõe a pensar as feridas ou *veias abertas* de momentos como a violência entre as décadas de 1940 e 1950, dimensão que ficou eternizada na obra *Crônica de uma morte anunciada*. Para esta obra, García Márquez parte do assassinato de um jovem ocorrido na cidade de Sucre, quando sua família vivia na região e de onde posteriormente se mudou devido às ondas de conflitos e assassinatos do período de *La Violencia*.

2.2 As Macondos do continente: exploração da terra e do homem

Os ninguéns

As pulgas sonham com comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico a sorte chova de repente, que chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Eduardo Galeano, *O livro dos abraços*.

No tópico *As fontes subterrâneas do poder*, de *As veias abertas da América Latina*, Eduardo Galeano discute acerca da exploração das riquezas presentes no subsolo da região: na Venezuela, o petróleo; no Chile e Peru, o cobre; na Bolívia, o estanho; e assim por diante. Desde a invasão europeia no século XIV, sabe-se que a América Latina é um espaço de riquezas que têm sido usadas largamente para a sua destruição econômica, social e política.

No capítulo um desta monografia, considerou-se os impactos do Imperialismo norte-americano na segunda metade do século XX, principalmente, em um movimento de diálogo entre *Cem anos de solidão* e *As veias abertas da América Latina*. Agora, esse diálogo coloca-se necessário novamente para que seja possível refletir sobre algumas questões colocadas à primeira obra.

Antes disso, voltemos ao exemplo da riqueza presente na Venezuela. A crise dos últimos anos não pode ser compreendida, inclusive, sem esse movimento de tentar entender o histórico de exploração petroleira no país e a constante busca por domínio econômico e cultural empenhada pelos Estados Unidos. Galeano, ao problematizar o desenvolvimento de uns à custa do subdesenvolvimento de muitos analisa o impacto da atividade petroleira em Maracaibo, trecho que trago como uma maneira de conversar com uma pergunta que persistiu ao longo de todo o processo de investigação da pesquisa: o que significa ser Macondo? Galeano assim reflete:

Como consequência do desemprego crescente, agravou-se a crise dos acampamentos petroleiros do lago de Maracaibo. O lago é um bosque de torres. Dentro das armações de ferros cruzados, o implacável cabeceio dos balancins, há meio século, gera toda a opulência e toda a miséria da Venezuela. Ardem os queimadores junto aos balancins, queimando impunemente o gás natural que o país se dá ao luxo de presentear à atmosfera. Encontram-se balancins até nos fundos das casas e nas esquinas das ruas das cidades que brotaram aos jorros, como o petróleo, nas costas do lago: ali o petróleo tinge de preto as ruas e as roupas, os alimentos e as paredes, e até as profissionais do amor recebem apelidos petroleiros, tais como “a Tubeira”, a “Quatro Válvulas”, a “Guindaste” ou a “Rebocadora”. Os preços da vestimenta e da comida são mais altos do que em Caracas. **Essas aldeias modernas, de triste nascimento e ao mesmo tempo aceleradas pela alegria do dinheiro fácil, já descobriram que não têm destino. Quando se esgotam os poços, a sobrevivência se torna matéria de milagre: restam os esqueletos das casas, as águas oleosas de veneno matando peixes e lambendo as zonas abandonadas.** A desgraça também acomete as cidades que vivem da exploração de poços em atividade, pela mecanização crescente e as demissões em massa. “Por aqui o petróleo nos passou por cima”, dizia um morador de Lagunillas em 1966. **Cabimas, que durante meio século foi a maior fonte de petróleo da Venezuela, e que tanta prosperidade deu a Caracas e ao mundo, não tem sequer vasos sanitários. Conta apenas com um par de avenidas asfaltadas.”** (GALEANO, 2014, p. 238, grifos meus).

O excerto destacado nos leva a pensar sobre os impactos além da economia quando se fala sobre a exploração da terra: ele denota muito bem as consequências sobre o homem e a natureza, o que permite refletir sobre como a exploração se dá na dimensão terra – homem. Ao apontar a complexidade da extração de petróleo nessa região em que o combustível foi encontrado (como o ouro abundante de Potosí nos tempos coloniais) Galeano parece ir ao encontro da situação de Macondo nos capítulos finais de *Cem anos de solidão*.

Em *Cem anos de solidão*, ainda no capítulo dezesseis, dos vinte capítulos constitutivos da obra, o povoado de Macondo passa por uma chuva que dura “quatro anos, onze meses e dois dias”. No decorrer das linhas seguintes, García Márquez tece uma Macondo imersa no dilúvio, provavelmente provocado pela intensa atividade da Companhia bananeira, que acompanhamos no capítulo anterior desta monografia: o processo de implementação com a “descoberta” do Sr. Herbert. A degradação da cidade e da sobrevivência nesse espaço passa a ser descrita em detalhes e não ocorre de maneira muito diferente dos exemplos pontuados por Galeano.

Nesse sentido, ser Macondo poderia ser definido como ser um espaço de potencial exploração dentro da lógica da balança desigual do poder que impulsiona o sucesso do Imperialismo? Possivelmente. Por isso, cabe pensar sobre quantas Macondos existem na Venezuela, e, abrindo ainda mais a escala, quantas Macondos existem na América Latina. O que coloca outras perguntas: quais são os sujeitos de Macondo? Seria Macondo uma possível metáfora da América Latina minuciosamente trabalhada por García Márquez?

Quando deixa de chover no povoado, é de se esperar que a ruína possa ser refreada, mas, como na fala do morador, citado por Galeano, em que ele demonstra como o petróleo passou por cima de todos, em Macondo a febre bananeira também atropelou o potencial da cidade. E, ao “passar por cima” de todos, é preciso destacar que se passa por cima de elementos fundamentais para a perpetuação da identidade de um povo para com seu lugar: atropela-se a memória. Assim, um dos personagens que passa a ter contato com os pergaminhos deixados por Melquíades, o mesmo que esteve presente no massacre dos trabalhadores na estação de trem, parece ser o único que detém a lucidez das memórias e tenta passá-las para o sobrinho. Em uma passagem, a criança se coloca em oposição ao esquecimento presente no discurso oficial que a família, e a cidade, introduziram como verdadeiro:

Quando Úrsula mandou abrir o quarto de Melquíades, ele deu para rondá-lo, para curiosear pela porta entreaberta, e ninguém soube em que momento acabou vinculado a José Arcádio Segundo por um afeto recíproco. Aureliano Segundo descobriu essa amizade muito tempo depois que ela começou, quando ouviu o menino falando da matança na estação. **Aconteceu num dia em que alguém se lamentou na mesa da ruína em que se afundara o povoado quando a companhia bananeira o abandonou, e Aureliano o contradisse com uma maturidade e uma argumentação de pessoa adulta. Seu ponto de vista, contrário à interpretação geral, era que Macondo tinha sido um lugar próspero e bem encaminhado até que foi desordenado e corrompido e espremido pela companhia bananeira, cujos engenheiros provocaram o dilúvio como pretexto para aludir compromissos com os trabalhadores.** [...] Na verdade, apesar de todo mundo o considerar louco, naquele tempo José Arcádio Segundo era o habitante mais lúcido da casa. Ensinou o pequeno Aureliano a ler e escrever, iniciou-o no estudo dos pergaminhos e **inculcou nele uma interpretação tão pessoal do que a companhia bananeira significara para Macondo, que muitos anos depois, quando Aureliano se incorporou ao mundo, haveria de se pensar que contava uma versão alucinada, porque era radicalmente contrária à falsa que os historiadores tinham admitido e consagrado nos textos escolares.** (MÁRQUEZ, 2018, p. 374, 375, 376, grifos meus).

É instigante acompanhar como a tentativa de estabelecer a memória oficial de que “Em Macondo não aconteceu nada, nem está acontecendo, nem acontecerá nada nunca. Este é um povo feliz” se perpetuou através da História, inclusive a que se ensina nas escolas. Esse elemento coloca diante de nós, mais uma vez, a postura assumida por García Márquez de um olhar político contrário ao esquecimento tanto na ficção quanto na realidade. José Arcádio Segundo assume nessa passagem o lugar social de quem procura assegurar que outra versão da história presente na memória por ele vivida possa fazer embate ao discurso aceito (ou não questionado). Assim há uma reivindicação das memórias de exploração e violência na América Latina sob a ótica dos explorados, que é o lugar daqueles que morreram pela greve e que apenas enquanto existe silêncio podem permanecer ocultos. *Cem anos de solidão* está repleto de quebras desses silêncios.

A biografia escrita por Gerald Martin tece uma relação entre García Márquez como escritor de *Cem anos de solidão* e a figura de místico de Melquíades (MARTIN, 2010). Comparação à qual acrescento outra: entre García Márquez e as características do coronel Aureliano Buendía, o personagem que abre o romance sendo o sujeito da primeira memória ali remontada.

Melquíades é um personagem de valor central para *Cem anos de solidão*. Desde o primeiro capítulo do livro, ele surge como um sábio que sempre chega à cidade junto aos ciganos que trazem consigo invenções, magias e, por que não, mais vida à Macondo.

Melquíades é descrito como uma figura secular, que utiliza vestes de cor sóbria e um chapéu negro. Mesmo após sua morte, a presença do personagem segue firme e vive nos escritos que deixa na casa dos Buendía. A cada geração, alguém se afeiçoa por este sábio, a começar pelo patriarca José Arcádio Buendía. Porém, apenas o último da estirpe consegue de fato compreender qual era o conteúdo desses pergaminhos feitos por Melquíades.

Sendo assim, podemos questionar, novamente, acerca do sentido político do termo do termo América Latina, que foi inserido na relação com uma concepção que assuma a pluralidade étnica e cultural do continente. Nesse caminho chega-se à atualidade ou não do termo e à reivindicação dos povos originários da denominação *Abya Ayala*: como esse conflito pode ajudar a expandir caminhos alternativos para o futuro do continente?

É de grande relevância compreender como os povos originários estão se reorganizando no campo da academia e da própria História e Memória, elegendo suas próprias denominações e derrubando estátuas coloniais, se preciso for (e sempre o é!): isso vai ao encontro do direito ao passado e à memória, defendido por Maria Célia Paoli (1992, p. 25-28) acerca da maneira com que memória, passado e História(s) são elementos constitutivos da própria cidadania.

O que seria a reivindicação da terminologia *Abya Ayala*? Segundo o geógrafo Carlos Walter Porto Gonçalves, seu significado é: terra madura, terra viva ou terra em florescimento, e provém da língua do povo Kuna, situado na região do Panamá (PORTO-GONÇALVES, 2009). A expressão teria sido usada pela primeira vez, em sentido político, no *II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Ayala*, que aconteceu em Quito no ano de 2004. Trazer tal conflito entre *Abya Ayala* e América Latina mostrou-se como um fator enriquecedor do debate aqui proposto, uma vez que demonstra um movimento histórico em construção, cujos desdobramentos não podemos ainda mensurar.

Se a memória se colocou, ao longo do processo de investigação, como uma categoria de análise central, junto a outras que apareceram ao longo dos capítulos e da obra *Cem anos de solidão*, tais como a solidão, o tempo, o esquecimento e a morte, um questionamento em torno de outra das categorias estudadas se fez cada vez mais essencial: o que significa a América Latina e o ser latino-americano?

Para responder tal pergunta que pode aprofundar a reflexão sobre o que significa ser Macondo e se cabe falar na metáfora desse espaço fictício como a América Latina, além de ressaltar a concepção de Nossa América abordada no capítulo um, é preciso conversar com alguns pontos levantados pelo historiador Fabio Luis Barbosa dos Santos, que desenvolve debate sobre a atualidade da noção de América Latina (SANTOS, 2016).

Sabe-se que o termo América Latina surge a partir de uma concepção europeia que procura integrar sob o mesmo guarda-chuva os países de línguas latinas e herdeiros de uma herança colonial ibérica. Tal etimologia seria apenas problemática se seu significado tivesse continuado congelado no tempo. O que não foi o caso, conforme atesta Santos, uma vez que a noção de América Latina passou por transformações importantes que levaram ao que hoje se caracteriza como um projeto de integração política de povos que, sim, são marcados por um processo colonizador e de históricas explorações violentas (etnocídio e ecocídio constantes) dentro da exploração homem-terra; mas que buscam as maneiras de se desvencilharem deste passado-presente colonial.

Exemplos disso podem ser encontrados nos projetos de América Latina colocados por personalidades clássicas como Simón Bolívar e José Martí (o idealizador da Nossa América). Bolívar perseguiu durante toda a vida o projeto de integração dos países da América Hispânica, partindo do pressuposto de independência da Coroa espanhola deveriam tais nações recentes unirem-se em um bloco de extensão territorial, língua e objetivos político-econômicos em comum.

Vale destacar que o Brasil não esteve em consonância com o projeto buscado e sonhado por Bolívar, o que, apesar de não nos colocar como eternos apartados do ideal integrador, pode ajudar a pensar esse não-lugar do Brasil muitas vezes evidente dentro da América Latina. Se olharmos para o Brasil, é possível enxergar uma identificação com o ser latino-americano? Esta é uma discussão longa, que gostaria de incorporar com maior profundidade ao presente trabalho. Porém, por ora, olhemos para uma pista: há no Brasil e no ser brasileiro muito do que se vê nas imagens de Macondo, e isso demarca o lugar social que este país, de fato, ocupa.

Situadas algumas das transformações no significado do conceito de América Latina, que, partindo de uma origem eurocêntrica, chega ao seu oposto, anticolonial e anti-imperialista (ainda vigente), pode-se compreender melhor o esforço decolonial da questão de *Abya Ayala*.

O que nos coloca dentro das disputas pela memória dentro do terreno vivo que se compreende como cultura e política, aos historiadores não deve, portanto, ser amedrontador: conflitos que vão muito além de conceituais, demarcando a prática social do presente. Que impulsiona rupturas e nos faz refletir sobre termos consagrados, que, apesar de não carregarem o eurocentrismo de outrora, como dito acima, já não faz jus às transformações que invariavelmente formam a História e a retiram do lugar singular para inseri-la em Histórias e Memórias, retomando Déa Fenelon (2004).

Feito este breve percurso sobre a concepção de América Latina, coloca-se a reflexão: será que a integração sonhada e associada à pátria grande de Simon Bolívar, que morreu afirmando que “nunca seremos felizes”, é a única e mais plausível alternativa? Se José Martí conseguiu avançar no olhar plural sobre as *veias abertas* da Nossa América e se os povos originários já reivindicam e demarcam outro termo para se referir ao lugar a que pertencem, seria a integração de cunho econômico estratégico, que acaba por cair dentro do terreno dos interesses do Imperialismo sob hegemonia norte-americana, a única alternativa possível?

Já nas seções finais de *As veias abertas da América Latina*, ao problematizar a ideia norte-americana de “integrar para reinar” na América Latina, Galeano pontua como o Brasil, por exemplo, assumiu ao longo do século XX um lugar de “subimperialismo” na região da América do Sul:

No seio dos governos que se seguiram ao golpe de Estado de 1964, firmou-se uma tendência que atribui ao Brasil uma função “subimperialista” exercida sobre os vizinhos. Um elenco militar de poderosa influência considera o país o grande administrador dos interesses norte-americanos na região, e convoca o Brasil ao exercício, no sul, de uma hegemonia semelhante àquela que, em relação aos Estados Unidos, o Brasil padece. (GALEANO, 2014, p. 362).

As experiências em países como Equador, Bolívia e Chile que atualmente introduziram em suas constituições o Estado Plurinacional podem nos ensinar muito no que diz respeito à disputa política via meios institucionais. Estas Macondos já vão em sentido contrário à solidão latino-americana que *Cem anos de solidão* parece condensar, então é chegada a hora de refundar esse imenso povoado no caminho do cultivo comum da terra e da emancipação do homem e não o contrário que leva o título deste tópico. Mas como?

A Macondo do romance sucumbe às ações predatórias do capital, do tempo e da História com H maiúsculo, a que exclui os “ninguéns” que abrem este capítulo; mas seus escombros nos permitem indagar a que custo se chega ao “progresso”. Nesse sentido, qual anjo da História¹⁶ queremos encontrar? O que denuncia o horror e aponta para outro curso possível ou o que escolhe o silêncio sobre as memórias que desvelam o lugar e os sujeitos que somos como Nossa América?

¹⁶ Aqui me inspiro no Anjo da História construído por Benjamin na tese 9 sobre o conceito de História, quando o filósofo tece uma reflexão sobre como opera o movimento do progresso. Partindo de uma obra do pintor Paul Klee, Benjamin utiliza a imagem do “Anjo da História” como um ser que está horrorizado olhando para o passado e suas ruínas sobre as quais tem o ímpeto de agir para “acordar os mortos e juntar os fragmentos”, porém, continua o filósofo, uma tempestade o impulsiona para o futuro: a tempestade seria o que se chama de progresso (que deixa intocadas as ruínas).

Este capítulo, que só poderia estar repleto de perguntas e que pretende desembocar em uma reflexão que também é aberta na medida em que a História está em disputa e movimento, procurou compreender como a imagem de Macondo permeia a América Latina de ponta a ponta. Tais imagens encontram inúmeros exemplos de violência e exploração, como também se pontuou, porém é preciso adentrar nas alternativas: existe outro caminho?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O país que se poderia fazer com todos os exilados e emigrados forçados da América Latina teria uma população mais numerosa que a Noruega. **Atrevo-me a pensar que é esta realidade descomunal, e não apenas a sua expressão literária, que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca das letras. Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas,** e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza, do qual este colombiano errante e nostálgico não é mais que uma cifra mais marcada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandrinhos, **todas as criaturas daquela realidade desaforada tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o desafio maior para nós foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar crível nossa vida.** Este é, amigos, o nó de nossa solidão. (MÁRQUEZ, 1982, grifos meus).

Por que a originalidade que nos é admitida sem reservas na literatura nos é negada com toda classe de suspeitas em nossas tentativas tão difíceis de transformação social? Por que pensar que a justiça social que os europeus de vanguarda tratam de impor em seus países não pode ser também um objetivo latino-americano com métodos distintos em condições diferentes: Não: a violência e a dor desmedidas de nossa história são o resultado de injustiças seculares e amargas sem conta, e não uma confabulação urdida a três mil léguas de nossa casa. Mas muitos dirigentes e pensadores europeus acreditaram nisso, com o infantilismo dos avós que esqueceram as loucuras frutíferas de sua juventude, **como se não fosse possível outro destino senão viver à mercê dos dois grandes donos do mundo.** Este é, amigos, o tamanho de nossa solidão. **No entanto, diante da opressão, do saque e do abandono nossa resposta é a vida.** Nem os dilúvios nem as pestes, nem a fome nem os cataclismos, nem sequer as guerras eternas através dos séculos e dos séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte. (MÁRQUEZ, 1982, grifos meus).

Nos excertos acima, retirados do Discurso de aceitação do Prêmio Nobel de Literatura de 1982, García Márquez pontua dois elementos essenciais para endossar as reflexões colocadas, sobretudo, no fim do capítulo anterior. Nos trechos destacados, o escritor colombiano explica no que consiste o realismo mágico presente em *Cem anos de solidão*: trata-se desse movimento de “pedir muito pouco à imaginação” e de tentar “tornar crível nossa vida”.

Nesse sentido, as imagens trabalhadas até agora se fazem ainda mais compreensíveis dentro do que García Márquez definiu no discurso como uma “realidade descomunal”. Cabe

mencionar como o escritor, no entanto, procura propor alternativas ao assombramento comum na América Latina, constituindo o que ficou marcado no discurso como uma *utopia contrária*.

Até aqui tem se buscado realizar um trabalho dentro da História que considere reflexões fundamentais para a compreensão desse lugar social ocupado por nós como latino-americanos. Diálogos dentro da intelectualidade do continente se fizeram essenciais para o percurso que, partindo do uso de *Cem anos de solidão* como eixo central do objeto de investigação, vai ao encontro de questões levantadas nos capítulos anteriores.

Nesse viés, o ensaio de Eduardo Galeano, *A descoberta da América (que ainda não houve)*, citado ao longo do presente trabalho (Galeano, 1990), pode contribuir com outras reflexões acerca do fazer literário dentro da América Latina que merecem ser destacadas junto à fonte central para estas considerações finais, sendo ela o discurso de aceitação do prêmio Nobel por García Márquez em 1982, para a tentativa de responder à questão, provavelmente, mais desafiadora colocada na monografia: existe um projeto de América Latina que pode ser compreendido através de *Cem anos de solidão*?

Ao final, compreendo que os argumentos e as evidências colocados até agora são capazes de indicar um caminho favorável à afirmação: existe um projeto de América Latina que, inclusive, ultrapassa a obra *Cem anos de solidão* e ocupa toda a obra monumental de Gabriel García Márquez que é especialmente instigante, fascinante e sempre nos faz pensar por que é capaz de provocar a reflexão sobre quem somos individual e coletivamente. Os trechos que abrem o tópico são impulsionadores desse projeto proposto: García Márquez fala sobre o paradoxo da originalidade “tolerada” na literatura e negada pelas forças políticas da balança desigual do poder quando o terreno é o da transformação social. Nesse âmbito, há um encontro com o tipo de literatura que Galeano identifica no ensaio citado no parágrafo acima, ensaio este que, assim como o discurso de García Márquez, situa historicamente o período de ditaduras militares no decorrer dos anos 1960 a 1990, no cone sul. Não à toa, o escritor colombiano cita no discurso o golpe sofrido no Chile por Salvador Allende, por exemplo.

Escrevendo é possível oferecer, apesar da perseguição e da censura, o testemunho de nosso tempo e da nossa gente - para agora e para depois. Pode-se escrever como dizendo, de certo modo: "Estamos aqui, aqui estivemos; somos assim, assim fomos". **Lentamente vai ganhando força e forma, na América Latina, uma literatura que não ajuda os demais a dormir, mas que lhes tira sono: que não se propõe a enterrar os nossos mortos, mas a perpetuá-los; que se nega a varrer as cinzas e procura, em lugar disso, acender o fogo. Essa literatura continua e enriquece uma formidável tradição de palavras lutadoras.** Se é melhor, como acreditamos, a esperança que a nostalgia, talvez essa literatura nascente possa chegar a merecer a beleza das forças sociais que tarde ou cedo, por

bem ou por mal, mudarão radicalmente o curso da nossa história. E talvez ajude a guardar para os jovens que virão, como queria o poeta, "o verdadeiro nome de cada coisa". (GALEANO, 1990, p. 7 – 8, grifos meus).

Assim, se dentro da luta de classes, como pontuou Thompson, a classe operária se formou ao mesmo tempo em que foi formada (THOMPSON, 1988, v. 2, p. 11-38), cabe pensar em como a identidade latino-americana foi forjada e tem sido forjada ao longo da História na relação com a exploração oriunda do lugar periférico ocupado no capitalismo da América Latina que exploramos na abordagem sobre o Imperialismo norte-americano. Esse parece ser o caminho escolhido por García Márquez na confecção do discurso de aceitação do Prêmio Nobel de Literatura em 1982.

No texto intitulado *A solidão da América Latina*, o escritor colombiano retoma, como temos visto até o momento, uma série de categorias centrais na obra que o levou a receber o prêmio pela Academia Sueca de Letras: como em *Cem anos de solidão*, García Márquez demarca o sentido mais amplo, dentro da realidade vivenciada na América Latina, que constitui o ambiente mágico ocupado pela família Buendía na cidade de Macondo. Ali, são colocadas proposições e marcadas objeções. No primeiro caso, a proposta que se destaca dentro do discurso que extrai o sumo político do romance estudado é a de uma construção do que García Márquez denominou como *utopia contrária*, uma prevalência da vida perante a morte, da esperança acima da solidão.

No segundo caso, muitas são as objeções realizadas pelo escritor colombiano e é instigante apontar como elas se encontram nos projetos de dois sujeitos latino-americanos que abordamos no segundo tópico do capítulo dois: ao proferir no discurso que a Europa deixe de tentar medir a América Latina com sua régua, García Márquez retoma uma fala muito semelhante à que ele atribui a Simon Bolívar reconstituído nas páginas de *O general em seu labirinto*. Em determinado momento da obra, o general se encontra jantando junto a um francês que se aventura a debater sobre o melhor modelo político para as recém-independentes repúblicas. Em uma postura eurocêntrica que parece tender à monarquia, o francês logra testar a paciência de Bolívar que assim se coloca:

À medida que avançava na análise ia atijando sua própria fúria, no grande silêncio que pareceu se abater sobre a aldeia inteira. O francês, esmagado, tentou interrompê-lo, mas ele o imobilizou com um gesto da mão. O general evocou as matanças horrorosas da história europeia. Na Noite de São Bartolomeu o número de mortos ultrapassou dois mil em dez horas. No esplendor da Renascença, 12 mil mercenários a soldo dos exércitos imperiais saquearam e devastaram Roma e mataram a faca oito mil de seus habitantes. E a apoteose: Ivan IV, o tzar de todas as Rússias, bem chamado O Terrível,

exterminou toda a população das cidades entre Moscou e Novgorod, e nesta fez massacrar num único assalto seus vinte mil habitantes. Por simples suspeita de que havia uma conspiração contra ele.

— Então que nos façam o favor de não nos dizer mais o que devemos fazer — concluiu. — **Não tentem nos ensinar como devemos ser, não tentem nos tornar iguais a vocês, não pretendam que façamos bem em vinte anos o que vocês fizeram tão mal em dois mil.**

Cruzou os talheres sobre o prato e pela primeira vez fixou no francês seus olhos em chamas:

— **Por favor, carajos, deixem-nos fazer sossegados a nossa Idade Média!** (MÁRQUEZ, 2020, P. 229 – 230, grifos meus)

O excerto que localiza o posicionamento associado à construção de uma “Pátria Grande” que reunisse as repúblicas recém-independentes da Coroa Espanhola no século XIX, tão difundido e buscado pelo general Simon Bolívar, não poderia ser menos inflamado. No trocadilho de temporalidades presente na frase “deixem-nos fazer sossegados a nossa Idade Média”, apesar de problemático do ponto de vista que não deixa totalmente de lado a referência europeia (ainda que toda a fala seja permeada por esse devencilhamento), há paralelo com um momento do discurso de García Márquez que evoca o ideal de América Latina de Bolívar:

É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que medem a si mesmos, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação de nossa realidade com esquemas alheios só contribuiu para nos fazer cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. **Talvez a Europa venerável fosse mais compreensiva se tratasse de ver-nos em seu próprio passado.** Se recordasse que Londres necessitou 300 anos para construir sua primeira muralha e outros 300 para ter um bispo, que Roma se debateu nas trevas da incerteza durante 20 séculos antes que um rei etrusco a implantasse na história, e que ainda no século XVI los pacíficos suíços de hoje, que nos deleitam com seus queijos mansos e seus relógios impávidos, ensanguentaram a Europa com soldados da fortuna. Ainda no apogeu do Renascimento, 12 mil lansquenetes a soldo dos exércitos imperiais saquearam e devastaram Roma e passaram na faca oito mil de seus habitantes. Não pretendo encarnar as ilusões de Tonio Kröger, cujos sonhos de união entre um norte casto e um sul apaixonado Thomas Mann exaltava há 53 nos neste lugar. **Mas creio que os europeus de espírito clarificador, os que lutam também aqui por uma pátria grande mais humana e mais justa, poderiam ajudar-nos melhor se revisassem a fundo sua maneira de ver-nos.** (MÁRQUEZ, 1982, grifos meus).

Tendo em vista o diálogo entre os dois trechos, compreendo que seja possível perceber o panorama de projeto latino-americano defendido por García Márquez diante da Academia Sueca. Diferentemente do movimento realizado em *O general em seu labirinto*, durante o

discurso de aceitação do prêmio Nobel de Literatura o apelo aos exemplos na História da Europa parece ter sido uma estratégia de, digamos, “fazer o inimigo compreender” que o que o escritor colombiano pontua é a prevalência da soberania latino-americana frente aos Imperialismos históricos praticados no continente; há um momento em que García Márquez chega a citar o absurdo de o continente estar sempre “à mercê dos dois grandes donos do mundo”. Algo que nos permite pensar em um diálogo com o pensamento de José Martí quando este afirma que a “salvação está em criar” na busca pelo degelo da “América coagulada”.

García Márquez utiliza o espaço da premiação como um momento em que foi possível expressar o grito guardado por milhões de habitantes das Macondos que, conforme demonstra Gerald Martin, vibravam com o recebimento do prêmio pelo escritor colombiano. Na cidade de Aracataca ocorreu uma grande celebração custeada pela prefeitura, o prêmio Nobel de Literatura recebido por García Márquez parece ter sido recebido também por toda a América Latina, e, de acordo com Martin, os colombianos o viam como “um dos nossos” (MARTIN, 2010, p. 527).

É como se, naquele ano, a Academia Sueca fosse ocupada por milhões de vozes que García Márquez realmente tentou representar. Em um belo discurso, de inegável valor literário e documental, o ganhador do Nobel de Literatura de 1982 retoma os temas já elencados que perpassam as categorias de esquecimento, morte, memória e solidão. Porém, há aqui um elemento que forma parte do que chamei acima como proposições para o futuro da América Latina: trata-se da prevalência da vida.

É aqui que García Márquez constrói o que ficou marcado para sempre no discurso como *utopia contrária*. Desde as primeiras linhas, o escritor colombiano traçou o que ele chamou diversas vezes como o tamanho ou o “nó da nossa solidão”. Quase como em uma síntese do próprio romance, García Márquez conseguiu deslocar a denúncia política que localizei como “não explícita” em visivelmente explícita dentro do discurso em questão. Tal denúncia tão bem demarcada a respeito dos séculos de exploração, violências, negação das memórias, ditaduras, censuras e desaparecimentos somou-se ao recurso estratégico de usar exemplos da própria Europa para que a Academia (ali representante do continente colonizador) pensasse a si mesma; demarcam um tratado de como teria predominado a solidão ao longo das História(s) do continente.

Dentre mais um dos diálogos tecidos na investigação entre García Márquez e Eduardo Galeano, não posso deixar de mencionar que Galeano tenha registrado, no terceiro volume (*O século do vento*) da trilogia *Memória do Fogo* o verbete de título: “O escritor Gabriel García

Márquez recebe o Nobel e fala de nossas terras condenadas a cem anos de solidão”. Isso coloca, mais uma vez, a dimensão política de ambos os intelectuais dentro de um espectro muito mais amplo de escritores que se propuseram a pensar, interpretar, refletir, compreender e atuar sobre a problemática de serem latino-americanos. Isso lembra a frase de Galeano no ensaio retomado nessas considerações finais: “Não é inútil cantar a beleza e a dor de ter nascido na América.” (GALEANO, 1990). Essa afirmação parece estar presente nas imagens evocadas por García Márquez tanto no discurso quanto no romance que o levou ao recebimento do prêmio.

É fundamental identificar como o escritor colombiano usou a influência construída como intelectual, na literatura e jornalismo, para fazer acontecer movimentos que este acreditava serem importantes no rumo à *utopia contrária*. Nesse sentido, a relação de Garcia Márquez com a Revolução Cubana, por exemplo, demonstra como esse escritor, mesmo sem se filiar a um partido político, tomou lados claros no que conhecemos como anti-imperialismo. Garcia Márquez sabia das dificuldades de Cuba, das contradições da revolução, mas parecia enxergar ali uma semente da *utopia contrária* que permite a prevalência da vida sobre a morte.

Assim, coloco a questão: seria Cuba, para Márquez, uma contraluz de Macondo? Ser Cuba nesse sentido é ousar criar, como anseia José Martí? É certo que os desafios apresentados atualmente são muito distintos daqueles enfrentados no decorrer da segunda metade do século XX: em que Cuba vivenciou o auge da Revolução e das dificuldades econômicas após o processo de queda da União Soviética. Mas aquela ilha repleta de imagens de Macondos tem buscado a permanência de sua soberania ao escrever a História com suas próprias mãos e garantir que “as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham por fim e para sempre uma segunda oportunidade sobre a terra” (MARQUEZ, 1982).

Destaco o papel da Revolução Cubana, e até mesmo da figura de Fidel Castro, porque essa foi uma característica sempre muito comentada sobre Garcia Márquez. O que entendo que possa ser compreendido nas palavras do próprio escritor ao responder o questionamento do repórter espanhol em entrevista realizada em 1996: “não sejam eurocêntricos, não creia que porque há eleições é uma democracia, nos deixe inventar nossa própria Idade Média como dizia Bolívar” (CLUB..., 1996).

Garcia Márquez atuou como um agente da busca pela transformação social. Procurou plantar sementes que iam além das palavras e se concretizavam em atos que se tornaram legados. Exemplo disso foi a fundação de uma agência de jornalismo na Colômbia: a *Fundacion Gabo*, que mostra a preocupação com uma maneira alternativa de fazer jornalismo

dentro de seu país e da América Latina. O diferencial narrativo de García Márquez permeia toda sua vida, e esta vida jamais deixou de lado as vidas que constituem em uma teia a estirpe latino-americana.

FONTES

EDUARDO Galeano. *Sangue Latino*. 1 vídeo (23 min). Publicado pelo Canal Brasil, 9 jan. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=47aFAIDierM&list=WL&index=118>. Acesso em: 10 out. 2020.

GABO: a criação de Gabriel García Márquez. Produção de Justin Webster. Direção de Justin Webster. Bogotá: Caracol Televisión, 2015. 1 vídeo (90 min).

GALEANO, Eduardo H. [Entrevista cedida a] Aurelio Alonso. **Cubavisión**. 1 vídeo (63 min). Publicado por La Nueva República, 8 mar. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FaJnqi6JU7g>. Acesso em: 12 out. 2020.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Tradução Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Tradução Eric Nepomuceno. 106. ed. Rio de Janeiro, 2018.

MÁRQUEZ, Gabriel García. [Entrevista cedida a] Germán Castro Caycedo. **RTI TV**, 1976. 1 vídeo (46 min). Publicado por Club Promotores de Lectura y Escritura, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8bu8XC7QW4s&list=WL&index=44&t=2s>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **América Latina existe**. Discurso de Gabriel García Márquez sobre la integración latinoamericana, em Contadora, Panamá, 28 mar. 1995. Publicado por Centro Gabo, Bogotá, 24 jul. 2018. Disponível em: <https://centrogabo.org/gabo/gabo-habla/america-latina-existe-discurso-de-gabriel-garcia-marquez-sobre-la-integracion>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **La soledad de América Latina**. Discurso de Gabriel García Márquez en la recepción del Premio Nobel de Literatura. Estocolmo, Suécia, 8 dez. 1982. Publicado por Centro Gabo, Bogotá, 15 ago. 2017. Disponível em: <https://centrogabo.org/gabo/gabo-habla/la-soledad-de-america-latina-discurso-de-gabriel-garcia-marquez-en-la-recepcion-del> Acesso em: 8 mar. 2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Me interesa contar cosas que le suceden a la gente. **Podium Podcast Entrevistas**. T01E14, 25 jun. 2018. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-9Hy4ByF1k&t=396s>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **O general em seu labirinto**. Tradução Moacir Werneck de Castro. 20. ed. Rio de Janeiro, 2020.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Versão integral do discurso que Gabriel García Márquez pronunciou ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982. Publicado por Diálogos do Sul, 22 abr. 2014. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/literatura/50922/gabo-e-a-solidao-da-america-latina>. Acesso em: 1 dez. 2021.

MARTIN, Gerald. **Gabriel García Márquez**: uma vida. Tradução Cordelia Magalhães. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs.). **Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FENELON, Déa Ribeiro. Apresentação. *In*: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.) **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006. p. 5-8.
- BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Sobre história: imprensa e memória. *In*: ALMEIDA Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006. p. 262-272.
- BENJAMIN, Walter, 1892-1940. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v. 1).
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 213-240.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Marinardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4. ed. reorg. pelo autor. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **O ser humano é um ser social**. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2013.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2007.
- COSTA, Adriane Aparecida Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. 2009. Tese (Doutorado em História) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- FENELON, Déa. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 73-90, dez. 1993.
- FENELON, Déa Ribeiro et alii (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

GALEANO, Eduardo. **A descoberta da América (que ainda não houve)**. Tradução Eric Nepomuceno. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1990.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução Eric Nepomuceno. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GALEANO, Eduardo H. **Os nascimentos**. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX : 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KATZ, Claudio. Considerações a partir do livro clássico de Eduardo Galeano. **A terra é redonda**, 2021. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/as-veias-abertas-da-america-latina/>>. Acesso em: 4 fev. 2022.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. *In*: SILVA, Marcos A. da. (Org.) **Repensando a história**. 6. ed. São Paulo: Marco Zero, s/d. p. 37-64.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, c2004.

MONTELEONE, Joana. Guerras da banana: contra trabalhadores, a soberania e a biodiversidade dos países. **Brasil de Fato**, 26 jul. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/26/guerras-da-banana-contra-trabalhadores-a-soberania-e-a-biodiversidade-dos-paises>. Acesso em: 10 fev. 2022.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **E as palavras têm segredos: imagens de criança na literatura infantil brasileira de resistência (1970 -1990)**. 1997. Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. *In*: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 25-28.

PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Ligia. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Abya Ayala. **IELA – Instituto de Estudos Latino-Americanos**, Florianópolis, 11 jul. 2009. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/povos-origin%C3%A1rios/abya-yala>. Acesso em: 6 dez 2021.

POVEDA, Ima. Revista Alternativa. **Archivo de Bogotá**, Bogotá, set. 2018. Disponível em: <https://archivobogota.secretariageneral.gov.co/noticias/revista-alternativa-0>. Acesso em: 28 fev. 2022.

QUIROGA, Jorge. **Alejo Carpentier: em busca do real maravilhoso**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RAMA, Ángel. **Literatura, cultura e sociedade na América Latina**. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, p. 41-81, fev. 1997.

SANTOS, Luis Barbosa dos. Atualidade da noção de América Latina: diálogo crítico com Leslie Bethell. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, n. 21, p. 261-297, jul./dez., 2016. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br>. Acesso em: 12 maio 2019.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SILVA, Marcos A. da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Marcos A. da. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 45-61, set. 1985/fev. 1986.

THOMPSON, E. P. Intervalo. *In*: THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**, ou, um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. Exploração. *In*: THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. v. 2. p. 11-38.

THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. *In*: THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. v. 2. p. 179-224.

THOMPSON, E. P. Prefácio. *In*: THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. v. 1. p. 9-14.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. *In*: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. **Cultura e memória: notas sobre a construção da lógica histórica na pesquisa audiovisual de História Oral**. *In*: ALMEIDA Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006. p. 218-238.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; Khoury, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1980.